

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

**A HISTÓRIA DO PAPEL FEMININO NAS FAMÍLIAS E A EXPERIÊNCIA
CONTEMPORÂNEA EM BACABAL - MARANHÃO**

JACIARA SILVA MONTEIRO

BACABAL
Julho de 2019

JACIARA SILVA MONTEIRO

**A HISTÓRIA DO PAPEL FEMININO NAS FAMÍLIAS E A EXPERIÊNCIA
CONTEMPORÂNEA EM BACABAL - MARANHÃO**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacabal, como requisito para conclusão do curso de Ciências Humanas Sociologia.

Orientador: Prof.^o Dr.^o Rodrigo Sarruge Molina

BACABAL
Julho de 2019

MONTEIRO, JACIARA SILVA.

A HISTÓRIA DO PAPEL FEMININO NAS FAMÍLIAS E A EXPERIÊNCIA
CONTEMPORÂNEA EM BACABAL - MARANHÃO / JACIARA SILVA
MONTEIRO. - 2019.

79 f.

Orientador: PROF.º DR.º RODRIGO SARRUGE MOLINA.
Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do
Maranhão, Bacabal - MA, 2019.

1. FAMÍLIAS. 2. HISTÓRIA. 3. MULHERES. I. MOLINA, RODRIGO
SARRUGE. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS HUMANAS LICENCIATURA – SOCIOLOGIA

JACIARA SILVA MONTEIRO

**A HISTÓRIA DO PAPEL FEMININO NAS FAMÍLIAS E A EXPERIÊNCIA
CONTEMPORÂNEA EM BACABAL - MARANHÃO**

Monografia apresentada em ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.º Dr.º Rodrigo Sarruge Molina

Orientador

Prof.ª Dr.ª Maria José dos Santos

2ª Examinadora

Prof.ª Dr.ª Mayka Danielle Brito Amaral

3ª Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus por todas as boas oportunidades, conquistas, discernimento e saúde para que eu pudesse cumprir todos os meus objetivos nessa jornada.

Ao meu orientador (Rodrigo) por ter me motivado à ir além dos meus propósitos, dedicando o seu tempo e me ter ajudado com a elaboração deste trabalho.

A minha mãe (Inoan) por ter me dado um bom apoio financeiro e psicológico para que eu conseguisse concluir esse curso.

Ao meu pai (Josélio) por ter me dado o apoio quando mais precisei.

Ao meu namorado (Nelson) por ter me ajudado em praticamente todos os processos científicos desse trabalho e também por ter me dado uma boa base de apoio psicológico ao longo do meu curso.

Aos meus amigos: Cládyna, Keyliane e Madson, que não permitiram que eu desistisse e que sempre tentavam me animar com todos os recursos possíveis.

A instituição da UFMA pela oportunidade de oferecer bolsas aos estudantes, na qual eu fui agraciada com duas delas em tempos diferentes, a primeira foi o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e a segunda o PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).

A todas as mulheres que me concederam as entrevistas, foram de grande ajuda na construção do conhecimento científico deste trabalho.

Enfim, a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram ou me apoiaram na minha vida ao longo do curso.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema: “A História do papel feminino nas Famílias e a experiência contemporânea em Bacabal”, os principais autores utilizados para fundamentar as bases do mesmo são: Almeida (1998), Calvano e Smeha (2009), Macêdo (2008), Matos e Gitahy (2007), Scott (2002), entre outros. O objetivo principal desta pesquisa é conhecer os maiores problemas que a Mulheres possuem ao tentarem construir uma base sólida tanto familiar quanto acadêmico/profissional desde a antiguidade até a contemporaneidade. A pesquisa denomina-se qualitativa, para isso, utilizamos alguns recursos: para a coleta de dados foram utilizadas as perguntas subjetivas (entrevistas orais das quais selecionamos algumas direcionadas especificamente para cada grupo); e para as análises Históricas, as referências bibliográficas. Com este estudo obtemos alguns aspectos para compreendermos melhor a perspectiva das Mulheres ao longo da História da humanidade através da pesquisa bibliográfica e também das falas, para as análises da contemporaneidade, onde puderam expressar todas as questões pertinentes sobre tal assunto.

Palavras-chave: História, Mulheres, Famílias.

ABSTRACT

The present work has as theme: “The History of the feminine role in the Families and the contemporary experience in Bacabal”, the main authors used to base the bases of the same are: Almeida (1998), Calvano and Smeha (2009), Macêdo (2008), Matos and Gitahy (2007), Scott (2002), among others. The main objective of this research is to know the biggest problems that women have when trying to build a solid family and academic / professional base from antiquity to contemporary times. The research is called qualitative, for that, we used some resources: for data collection were used subjective questions (oral interviews from which we selected some specifically targeted to each group); and for historical analysis, the bibliographic references. With this study we get some aspects to better understand the perspective of women throughout the history of humanity through bibliographic research and also the speeches, for contemporary analysis, where they could express all pertinent questions about such subject.

Keywords: History, Women, Families.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Ocupação de mulheres em espaços de poder e decisão - 2003/2016....	43
Gráfico 2 Percentual de Pessoas ocupadas no Trabalho com carteira de Trabalho assinada, segundo o sexo - 2001-2015	43
Gráfico 3 Percentual de pessoas ocupadas no trabalho principal segundo as horas semanais - 2001/2015	44
Gráfico 4 Percentual de pessoas que realizaram afazeres domésticos segundo as horas semanais - 2001/2015	45
Gráfico 5 Percentual do rendimento feminino em relação ao masculino segundo ocupação formal e escolarização - 2006/2017	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Natalidade Infantil	34
Tabela 2 - Taxa de frequência escolar bruta de pessoas de 15 a 17 anos no Nordeste.....	38
Tabela 3 - Taxa de conclusão no Ensino Médio de pessoas de 20 a 22 anos no Nordeste.....	38
Tabela 4 - Taxa de frequência escolar líquida ajustada ao Ensino Superior no Nordeste.....	38
Tabela 5 - Taxa de conclusão de Ensino Superior no Nordeste, pessoas entre 27 a 30 anos	39
Tabela 6 - Nível de instrução da população de 25 anos ou mais, por sexo	40
Tabela 7 - Proporção de pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, que são empregadas, por sexo, no Nordeste	41
Tabela 8 - Taxa de participação na força de trabalho para pessoas de 15 anos ou mais de idade, na semana de referência, por sexo.....	42
Tabela 9 - Média de rendimento habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas de 14 anos ou mais de idade, por sexo, no Nordeste	46
Tabela 10 - Perguntas Pessoais.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro I - Perguntas familiares e sociais 1	50
Quadro II - Perguntas familiares e sociais 2	51
Quadro III - Perguntas familiares e sociais 3	52
Quadro IV - Perguntas familiares e sociais 4	53
Quadro V - Perguntas acadêmicas e profissionais 1	54
Quadro VI - Perguntas acadêmicas e profissionais 2	55
Quadro VII - Perguntas acadêmicas e profissionais 3	55
Quadro VIII - Perguntas acadêmicas e profissionais 4	56
Quadro IX - Perguntas acadêmicas e profissionais 5	56
Quadro X - Perguntas Históricas 1	57
Quadro XI - Perguntas Históricas 2	58
Quadro XII - Perguntas Históricas 3	58
Quadro XIII - Perguntas Históricas 4	59
Quadro XIV - Perguntas Históricas 5	59
Quadro XV - Perguntas Históricas 6	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CAPÍTULO I – ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS FAMÍLIAS A PARTIR DO PONTO DE VISTA (HISTÓRICO) FEMININO.....	14
1.1 A Família na Roma Antiga: a era do <i>pater familias</i>	14
1.2 A Família na Idade Média e a desvalorização feminina perante uma sociedade comandada pela Igreja Católica.....	16
1.3 Época do Brasil-Colônia: as famílias patriarcais dominantes.....	18
1.4 A Família na era Moderna e as principais mudanças para o mundo feminino....	20
1.5 A Família na era Contemporânea: novas mudanças.....	22
2 CAPÍTULO II – CHEFES DE FAMÍLIA: MULHERES NO PODER?.....	24
2.1 A inserção das Mulheres no mercado de trabalho.....	25
2.1.1 As dificuldades da escolarização feminina ao longo da História.....	27
2.1.2 O Feminismo: alguns significados.....	30
2.2 O papel das Mulheres na família atualmente: a dupla jornada de trabalho.....	33
2.2.1 O crescimento das famílias monoparentais chefiadas por mulheres no Brasil.....	35
2.3 A participação das mulheres no mercado de trabalho com base nos dados do IBGE.....	37
• A Escolaridade;.....	37
• A relação com o trabalho;.....	41
• Rendimento.....	46
3 CAPITULO III – RESULTADOS DA PESQUISA.....	48
3.1 A Jornada das Mulheres em Bacabal - MA: Pesquisa com base em entrevistas orais.....	48
3.1.1 A resistência das Mulheres ao preconceito de gênero.....	50
3.1.2 De que modo a escolarização ajudou elas na inserção ao mercado de trabalho? .	53
3.1.3 Momentos Históricos sociais e escolares de acordo com as entrevistadas.....	57
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	66
ANEXOS.....	71

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é baseada em análises bibliográficas, especialmente em: livros, sites, artigos, monografias, teses e outras fontes (como entrevistas orais). Fizemos entrevistas abertas¹ e também semiestruturadas² com algumas mulheres³ experientes de diferentes histórias na cidade Bacabal – MA e a partir de tais informações, teremos uma base de fatos históricos contemporâneos ocorridos em Bacabal – respondendo algumas perguntas, tais quais: Como a escolarização ajudou essas mulheres? Como foi a inserção no mercado de trabalho? Há comportamento machista (De que maneira esse pensamento age em sua vida?) em seu cotidiano? Etc. Então, diante dessas informações, alcançaremos nossos objetivos, além de ter a visualização mais recente do percurso das mulheres em geral em torno da dupla jornada de trabalho e outras questões (que serão exploradas ao longo do trabalho).

O nosso objetivo geral é conhecer os maiores problemas que as mulheres possuem ao tentarem construir uma base sólida tanto familiar quanto acadêmico/profissional desde a antiguidade até a contemporaneidade. Já os objetivos específicos são: investigar a história das famílias ao longo do tempo para termos uma noção de como elas contribuíram no desenvolvimento da humanidade; identificar as conquistas de direitos e ascensão social do gênero feminino (as desigualdades, dificuldades e preconceitos que se perpassam em torno das mesmas); descrever a experiência de algumas mulheres da cidade de Bacabal no Maranhão por meio das entrevistas orais.

O método de classificação dessa pesquisa será a exploratória, pois de acordo com os estudos de Oliveira:

¹ “A técnica de entrevistas abertas atende principalmente finalidades exploratórias, é bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados. [...] É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal.” (BONI e QUARESMA, 2005, p. 72).

² “As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. [...] é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.” (BONI e QUARESMA, 2005, p. 75).

³ A maioria das mulheres dispõem de curso superior e/ou trabalham, pois a intenção é realmente localizar aquelas que fizeram uma variação de feitos para que alcançassem a independência financeira, ou alguma realização que fosse importante para as mesmas.

Segundo Malhotra (2001), a pesquisa exploratória é usada em casos nos quais é necessário definir o problema com maior precisão. O seu objetivo é prover critérios e compreensão. Tem as seguintes características: informações definidas ao acaso e o processo de pesquisa flexível e não-estruturado. A amostra é pequena e não-representativa e a análise dos dados é qualitativa. As constatações são experimentais e o resultado, geralmente, seguido por outras pesquisas exploratórias ou conclusivas. (OLIVEIRA, 2011, pp. 20-21).

Como poderemos notar as perguntas não seguiram o mesmo trajeto para todas as entrevistadas, no qual combina na fala (na citação acima) do autor quando diz que o processo de pesquisa é flexível e não-estruturado. O número de amostras é bem reduzido, tendo então um tipo de pesquisa qualitativa. Oliveira (2011) também busca explicar esse caso, que por sua vez:

Segundo Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as conseqüências. (OLIVEIRA, 2011, p. 24).

Assim como buscamos analisar nessa pesquisa, a relação entre a perspectiva feminina e a sociedade em geral, há um fenômeno que aumenta muito as dificuldades nesse relacionamento, que é o preconceito de gênero. Então, assim como Oliveira (2011) explica na citação acima, optamos por fazer um estudo qualitativo para descobrirmos à fundo o que engloba tal fenômeno, ou seja, todas as suas causas, seus impactos, etc. Desse modo foi de suma importância fazer as apurações Históricas de tal problema, pois somente dessa forma podemos entender um pouco seus efeitos no presente.

No primeiro capítulo, temos um levantamento básico da história das famílias desde os primeiros modelos de seu surgimento. A partir dele, temos uma pequena introdução para entendermos melhor o nosso tema principal. A jornada das mulheres também está em todos os anos contados pelos historiadores sobre os grupos familiares, isso porque elas foram as principais protagonistas.

No segundo capítulo, procuramos na maioria das fontes bibliográficas, alguns dados extraídos de algumas fontes (como o IBGE) e fatos históricos, para analisarmos a história das mulheres, de como elas (em meio a todo o machismo existente) conseguiram se inserir no mercado de trabalho, na educação, na sociedade, etc. Com isso, podemos conhecer melhor como estão se encaixando e

se adaptando ao mundo de hoje, pois tudo o que está acontecendo agora em algum momento houve um reflexo do passado. Já os dados da contemporaneidade tirados de locais do Nordeste e do Maranhão nos mostra a forma que as mulheres estão lidando com tudo de novo que conquistaram até hoje.

E finalmente, o terceiro capítulo, temos a pesquisa feita com as entrevistas orais com alguns relatos das mulheres de Bacabal das quais foram escolhidas algumas para responderem as perguntas sobre o seu cotidiano (a sua relação com a família e amigos), contar como foi a relação da educação com seu trabalho entre outras coisas explanadas.

1 CAPÍTULO I – ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS FAMÍLIAS A PARTIR DO PONTO DE VISTA (HISTÓRICO) FEMININO

1.1 A Família na Roma Antiga: a era do *pater familias*⁴

De acordo com Maluf (2010), havia uma hierarquia na família denominada *status familiae*⁵, na qual cada membro tinha uma posição diferente, e uma delas é a: “[...] *sui iuris*⁶, isto é, a pessoa que não possuía ascendentes masculinos e que estava livre do pátrio poder, não sendo, portanto, subordinada a ninguém; logo, estava livre para exercer qualquer ato da vida civil” (MALUF, 2010, p. 21). A outra posição seria de um *alieni iuris* (de outros), ou seja, essa pessoa necessitava do consentimento de uma autoridade familiar para que pudesse fazer qualquer coisa na sociedade romana da época. Quando o *pater familias* morria, a sua família se dividiria na quantidade de homens casados que tivesse (MALUF, 2010).

Na Roma Antiga, o casamento é designado de *matrimonium*⁷, que era considerado uma construção da instituição mais importante para os cidadãos, no qual as mulheres tinham a obrigação de conceberem um descendente aos seus maridos, ou seja, elas passavam a ser *mater's*⁸. “Sendo assim, a esposa pode ser considerada como um instrumento da ordem política.” (LEANDRO, 2006, p. 59), sem elas não poderia haver mais cidadãos. Nesses casos, as mulheres tinham uma visibilidade maior, mas não da forma certa, e sim de uma forma distorcida, que era como se fosse um ser sem vontade própria, totalmente objetificada. Vale lembrar que, este só era se fosse homem branco, nascido na cidade, pois “pela ordem política, apenas são reconhecidos cidadãos de pleno direito quando se tornarem ‘*pater familias*’.” (IBIDEM, 2006, p. 59), ou seja, as mulheres não conseguiam ser cidadãs perante a sociedade, só pelo fato de terem nascido com o sexo feminino (LEANDRO, 2006).

O casamento, segundo Coulanges (1961), era algo considerado obrigatório, na Grécia antiga, não tinha por finalidade o prazer, seu propósito era a união dos seres destinados a prestar culto à divindade de sua família e também de continuá-la

⁴ Chefe de família, dono de casa, na Roma antiga.

⁵ Em Latim significa: situação familiar.

⁶ Em Latim significa: independente.

⁷ Significa matrimônio em latim.

⁸ Significa mães em latim.

por meio dos filhos, de preferência que fossem do sexo masculino. O divórcio era algo permitido caso a mulher fosse estéril⁹, pois sem filhos a família não podia continuar ao longo das gerações futuras e nem cultuar os seus deuses familiares. Coulanges menciona um historiador para constatar tais situações:

Heródoto cita dois reis de Esparta que foram constrangidos a repudiar as mulheres, porque eram estéreis. Quanto a Roma, é bastante conhecida a história de Carvílio Ruga, cujo divórcio é o primeiro mencionado pelos Anais de Roma. “Carvílio Ruga — diz Aulo Gélio — homem de grande família, separou-se da mulher mediante divórcio, porque não podia ter filhos dela. Amava-a ternamente, e só podia louvar-lhe a conduta. Mas sacrificou seu amor à religião do juramento, porque havia jurado — na fórmula do casamento — que a tomava por esposa a fim de ter filhos”. (COULANGES, 1961, p. 44)

Para Alves (2014), ao dizer que na Roma antiga o *pater familia* detinha um poder fundamental dentro de sua família, tendo o controle total dos filhos e da esposa, para que a ordem social fosse mantida, concorda com Coulanges (1961). Alves (2014) também fala que os chefes de família eram também chefes políticos, no qual tinha que se responsabilizar pelo seu próprio instituto de família, que contavam em: “[...] um conjunto de unidades, religiosa, econômica, política, jurisdicional.” (ALVES, 2014, p. 15). Na época somente os homens tinham o controle sobre suas famílias, como citado acima, detinha total poder sobre filhos e esposa, eram eles que prestavam culto às divindades e também poderiam decidir o destino de seus filhos. Porém a mulher não tinha direito sobre suas próprias vidas, podendo ser até repudiadas se fosse a vontade do marido (ALVES, 2014).

Coulanges (1961) continua a explicar que, naquela época a família era tão importante para a sociedade e para os chefes das mesmas, que caso fosse o homem estéril, a mulher não podia se divorciar, e a solução seria que a mesma se unisse à algum parente ou irmão do marido para que concebesse um filho, e esse filho seria do seu marido. A mesma situação aconteceria se a mulher ficasse viúva sem filhos, ela teria que conceber um filho de um morto. As mulheres não eram valorizadas, pois o fato de elas terem que se submeter totalmente à família do marido para viver e também serem obrigadas a terem filhos homens para que ainda fossem aceitas pela família do esposo, tem-se um sério problema na falta de

⁹ Nesses casos o machismo predominava bastante, a situação dessas mulheres, nessa época, era absurdamente crítica, pois elas com o divórcio não tinham mais nenhum direito sobre aquela família em questão.

importância feminina perante a sociedade antiga, que por sua vez, infelizmente, se reflete também no próximo tópico.

1.2 A Família na Idade Média e a desvalorização feminina perante uma sociedade comandada pela Igreja Católica

Na Idade Média – mais precisamente nos séculos XV e XVI – segundo Bonini (2009), as famílias não eram como as de hoje em dia, não se atribuía a ela um sentimento ou valor, logo, os filhos não eram considerados parte da família, eram ainda “mini adultos¹⁰”. Como não existia a ideia de “criança”, os pais as colocavam para aprender a trabalhar desde muito cedo. Naquela época, segundo Ariès (1986) em concordância com Bonini (2009), os pais das crianças colocavam os filhos para que outras famílias os ensinassem. Assim, “[...] o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação.” (ARIÉS, 1986, p. 228), pois, na época, as escolas eram apenas destinadas aos clérigos. As crianças aprendiam na prática, mas isso não era somente uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo ainda não haveria) demarcações entre a profissão e a vida particular, como o citado acima (Bonini, 2009), as pessoas não mantinham suas vidas em particular em extremo segredo (ARIÉS, 1986).

Nesse período, (MALUF, 2010), quando a religião cristã estava dominante na sociedade, passou a determinar as formas de matrimônio e família: “[...] instituindo como sacramento, diferenciando-o, assim, do matrimônio romano, ou, de modo geral, do matrimônio pagão.” (MALUF, 2010, p. 28), no qual foram estabelecidas exigências maiores para que cuidassem mais de seus familiares, incluindo os seus filhos e filhas que, por sua vez, modificou totalmente o ideal de vida em família de todos, não mais sendo permitidos alguns formatos existentes antes, como na era antiga. As famílias eram formadas apenas pelo casamento de duas pessoas de sexos diferentes, era considerado algo totalmente indissolúvel, e havia uma de legislação dentro da igreja para orientar os sacerdotes e as pessoas a seguirem as normas de acordo com a sociedade, o Código Canônico¹¹, presente

¹⁰ As crianças eram tratadas como se fossem adultos pequenos, pois na época não tinha essa noção de cuidados infantis, da forma especial, assim como hoje em dia, os valores giravam em torno dos bens, as crianças eram forçadas a crescerem o mais rápido possível, no trabalho.

¹¹ “Desde os tempos da Igreja primitiva foi costume coligir os sagrados cânones para tornar mais fácil o seu conhecimento, a sua prática e a sua observância, [...]. O direito eclesiástico, de que se compõe

desde os séculos X até o XVI, (MALUF, 2010). Com isso, Maluf (2010) diz que o divórcio só seria permitido se houvesse os casos de adultério, atentado à vida do marido, esterilidade e feitiçaria. Todos esses quesitos só diziam respeito às mulheres, nunca aos homens, ou seja, as mulheres não tinham o direito de se divorciar se por acaso fossem traídas.

Segundo Matos e Gitahy (2007) em concordância com Maluf (2010), as leis eram muito mais severas em relação às mulheres, como mostrado no parágrafo acima, pois: “a Igreja Católica criou e tornou triunfante o tabu sexual. A história de Adão e Eva mostra a mulher como o grande estímulo do mal que desabou sobre a humanidade.” (MATOS; GITAHY, 2007, p. 75). O ato sexual somente era permitido para a natalidade, nunca para o prazer. Defendiam terminantemente a indissolubilidade do casamento monogâmico. Eles também não podiam permitir a poligamia e o concubinato, com base nas suas leis do código canônico.

Gevehr e Souza (2014) concordam com Matos e Gitahy (2007), pois também afirmam que a Igreja Católica distorceu os escritos bíblicos da religião cristã quando consideraram a mulher como um mal para a sociedade, pois: “a mulher, através do pecado original, tornou-se responsável pelas dores e a morte do gênero humano. Com isso, passou, então, a simbolizar a tentação, o pecado e o mal.” (GEVEHR; SOUZA, 2014, p. 115). Alguns estudiosos – a maioria deles homens ligados à Igreja Católica, a exemplo dos padres – da época, como Santo Agostinho considerava a mulher como se fosse a própria Eva, na qual ficou conhecida como a “pecadora original”, a que causou o surgimento de doenças, de todo o sofrimento existente, entre outros. Os corpos das mulheres, segundo eles, eram considerados inferiores aos dos homens, pois de acordo com a sua estrutura biológica, as mesmas sofrem de males que as deixam vulneráveis, como por exemplo, o ato da menstruação e também pelo sofrimento das dores do parto para a concepção de filhos. Por isso, não poderiam de maneira alguma tomar posição de liderança na sociedade ou ter os mesmos direitos que os homens (GEVEHR; SOUZA, 2014).

A mulher era um ser considerado mais manipulável emocionalmente, assim o Diabo não tinha dificuldade em conquistá-la para que ela o seguisse. Esse pensamento foi muito desenvolvido na Idade Média, tanto que isso complicou muito a vida delas, com as várias suspeitas de bruxarias por qualquer comportamento que

este Corpo, constitui o direito clássico da Igreja católica e é comumente designado com este nome.” (CDC, 1983, p. XV).

fosse considerado maligno, como por exemplo, ter a personalidade forte, falar muito, tomar misturas de algumas ervas para não engravidar, entres outros, (GEVEHR; SOUZA, 2014). Falar sobre as mulheres na Idade Média, não é uma tarefa muito fácil, pois só quem escrevia eram os clérigos, que por sua vez, não tinham qualquer conhecimento sobre as mesmas, pois viviam enclausurados, e em celibato, eles criaram uma imagem bastante negativa sobre as mesmas: “a mulher foi vista como uma figura perigosa e diabólica, mais propensa à lascívia e aos arroubos sexuais, sendo, também, portadora do mal e da morte.” (GEVEHR; SOUZA, 2014, p. 116).

1.3 Época do Brasil-Colônia: as famílias patriarcais dominantes

Enquanto a Europa estava na Idade Média os primeiros povos a serem chamados de brasileiros viveram outra realidade após os colonizadores conquistarem essas terras. O período foi chamado de Brasil-Colônia, cuja época não cabe a esta pesquisa explicar a fundo, mas só para termos uma ideia, esta foi uma época entre o século XV até o XVIII, quando éramos colônia de Portugal, e por conta da cultura (especificamente falando da religião cristã) dos mesmos, que trouxeram para essa região e que por conta disso passou a ser a mais dominante, apesar de várias outras culturas também vivenciarem nesse mesmo país, como por exemplo, a dos africanos trazidos à força para serem escravos.

A família patriarcal era o modelo de família mais adotado na época do Brasil-Colônia. Ela (Almeida, 1987), representa uma matriz que norteava as áreas da política, do trabalho, do poder e nas relações interpessoais humanas. Para Botelho e Souza (2001, p. 415): “o parâmetro da família patriarcal é construído, sobretudo, pela revelação do modo como se davam as relações entre brancos e negros sob a autoridade do senhor branco proprietário e chefe de família.”, como o colocado acima, tanto Almeida (1987) quanto Botelho e Souza (2001) admitem que os relacionamentos familiares interligavam-se de modo geral como a maneira de política da época e também na forma como a sociedade se comportava.

Félix (2013) fala do sociólogo Gilberto Freyre, o qual argumenta que o autor deu início a várias pesquisas sobre o tema Família, na década de 30 com Casa Grande & Senzala. “Com esse trabalho acentuou a riqueza informativa dos registros de batismos, matrimônios, óbitos, confissões e denúncias reunidas em material feito através das visitas do Santo Ofício no Brasil.” (FÉLIX, 2013, p. 7), trabalho esse que

ajudou muito a formação de diversos livros posteriores, passando a família brasileira colonial a ser estudada mais intensamente. É a partir desse momento que se teve o início da ideia de “família patriarcal”, que é apresentada como “A família” até os dias atuais e que para algumas linhas historiográficas seria a organização familiar predominante no Brasil Colônia, por esse estilo visto como “perfeito”.

Itaboraí (1999) concorda com Félix (2013) quando diz que Freyre, em *Casa Grande & Senzala*: “[...] apresenta a conhecida descrição da família patriarcal colonial brasileira, uma família chefiada por um patriarca que detém poder sobre seus filhos e esposa e também sobre agregados e escravos, constituindo uma família extensa.” (ITABORAÍ, 1999, p. 2). Essa foi a imagem que acabou ficando da família brasileira na época, mas é claro que o autor não iria descrever essas mesmas características todas as vezes que falasse de família em seus livros. “É que, para Freyre, esta família não é apenas, [...], esfera de vivência da autoridade e afetividade entre seus membros, mas ao mesmo tempo unidade política, econômica e social que terá um papel fundamental na definição de nossa história.” (IBIDEM, 1999, p. 3). A família, nessa visão, é vista também como uma base fortemente política para os patrões, com esposas, donos de engenhos, que possuem escravos, filhos, bens, e tudo mais. Sem a família a sociedade não poderia ser construída.

A maior parte das mulheres dependiam completamente do marido no quesito financeiro. Conseguir um bom casamento era algo parecido como um investimento, ainda mais no período colonial, em que grande parte deles eram arranjos entre as famílias ricas, as mulheres eram vistas como objeto, ou seja, tinham que cumprir apenas o papel de mãe, esposa e dona de casa, e com isso eram dependentes de seus maridos, suas aparições em público era algo bastante raro (Samara, 1987). Matos e Gitahy (2007) também concordam com Samara (1987) ao dizerem que as mulheres no patriarcalismo só faziam trabalhos domésticos, ou seja, não podiam trabalhar fora de casa, pois na época, elas eram muito reprimidas pela sociedade a apenas ficarem em casa e cumprirem suas obrigações de esposa e mãe. Outra condição delas era: “os casamentos atendiam aos interesses das famílias, eram comuns entre parentes a fim de preservar a unidade familiar e manter indivisível o patrimônio da família.” (MATOS; GITAHY, 2007, p. 76). Os casamentos entre parentes era bastante importante para que todos os bens pudessem ficar entre os mesmos, pois alguns moravam na mesma casa.

Nos séculos XVI e XVII, as mulheres casadas tinham que ficar em casa para educar os filhos e cuidar das tarefas domésticas, porém as mesmas representavam uma espécie de ligação entre a sociedade e a família, como sendo as responsáveis por definir o caráter daqueles que algum dia se tornariam parte da sociedade, ou seja, os seus filhos. Na época, era a partir do homem que se sabia qual o grau de importância para aquele grupo familiar, mas ele tinha que ter uma esposa para que sua família de fato se consolidasse, para conseguir uma família “perfeita”. (MONCORVO, 2008). “Tanto no Brasil Colonial quanto na sociedade portuguesa, o pátrio poder que emanava do matrimônio, irá exercer influência nas relações de gênero e nas questões de autoridade da família.” (MONCORVO, 2008, p. 15).

1.4 A Família na era Moderna e as principais mudanças para o mundo feminino

A era Moderna na questão familiar compreende o período cronológico desde o fim do século XVIII até o a década de 1960. Assim como era nas raízes do patriarcalismo, a família na modernidade também era muito importante para a sociedade e tinha quase os mesmos conceitos que a da época colonial, segundo Kroth (2008), onde se colocava em prática: “o sentimento de ser uma família”.

Kroth (2008) fala ainda que diferente da família no período medieval, que antes sob a observância pública, a família moderna mudou de postura. A explicação disso seria o novo contexto familiar adotado: a nuclearização da mesma, (composta de pai, mãe e filhos, ou seja, não mais extensa). As pessoas passaram a pensar de outra forma sobre esse aspecto, principalmente com relação às crianças, que passaram a ter um destaque maior do que antes, segundo Kroth (2008), receberam mais cuidados, para que, mais tarde, seguissem os mesmos passos que os adultos.

Na mesma época houve uma revolução na medicina¹² a qual colocava a criança no centro das atenções – antes, na Idade Média, não eram tratadas como tais – e passaram a ser vistas como o futuro da nação. As mulheres, no caso, as mães dessas crianças ficariam com o trabalho de cuidar de seus filhos, da saúde

¹²A compreensão médico-higienista assegurava como características da mulher, “por razões biológicas, a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física a uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. (SOIHET, 2001, p. 363).” (KROTH, 2008, p. 58).

e também da educação, para que assim pudessem cumprir mais tarde com os seus objetivos de servirem a sociedade. Para que tal condição funcionasse, Kroth argumenta que havia algumas regras para as maternidades e que tinham que ser seguidas à risca. Assim, poderiam saber se: “[...] a mulher enquadrava-se no esperado como ‘normalidade feminina’ e na imagem de ‘mãe’, que possui o ‘instinto materno’ (Badinter, 1985).” (KROTH, 2008, p. 31).

Na época, por causa desse novo modelo familiar, foram criadas às mulheres normas sociais referentes ao modo das suas vestimentas, ou seja, elas eram obrigadas a se vestirem de forma bastante recatada, com roupas que cobriam as pernas, os braços e o decote, tanto para frequentarem locais públicos, quanto para ficarem em casa. Ser mulher significava ser pura e virgem, antes do casamento, de maneira nenhuma se poderia romper esse costume, pois: “a virgindade feminina era considerada um requisito fundamental e funcionava como ‘objeto de valor econômico e político’.” (KROTH, 2008, p. 34). Por conta disso, os casamentos não tinham nenhum vínculo emocional, entre os cônjuges, eram arranjados pelas famílias, até mesmo para que a riqueza ficasse na própria família. A religião Católica Apostólica Romana, até um pouco antes da Proclamação da República, era declarada a religião oficial do Estado e, por isso: “[...] controlava os registros civis de nascimentos, casamentos e óbitos.” (KROTH, 2008, p. 38), mas depois dessa data houve uma ruptura entre a Igreja e o Estado, no qual, a partir desse momento, o Estado passou a controlar os atos civis do povo, por meio de leis.

No início do século XX, as mulheres não tinham ainda os mesmos direitos que os homens, logo para a sociedade, homens e mulheres não eram considerados iguais, eles eram até biológica e estruturalmente muito distintos um do outro. Por isso e por outros fatores é que até mesmo no casamento, para os homens havia uma liberdade sexual muito maior, tanto para iniciá-la até mesmo antes do casamento, quanto para terem relações extraconjugais (embora vista com maus olhos perante a igreja), pois para a sociedade era algo aceitável. Porém para as mulheres, além de serem obrigadas a casarem virgens, deviam manter-se fiéis aos seus maridos¹³. Por conta disso, os homens detinham total poder e controle em suas famílias e ainda podiam decidir se suas esposas podiam ou não trabalhar, colocando

¹³O Código Penal de 1890 criminalizou o adultério ou infidelidade conjugal no art. 279, que fixou: “A mulher casada que cometer adultério será punida com a pena de prisão celular por um a três anos. § 1º Em igual pena incorrerá: 1º O marido que tiver concubina teúda e manteúda; 2º A concubina; 3º O co-réu adúltero”. (KROTH, 2008, p. 53).

assim as mulheres apenas como as “auxiliares” que ficariam cuidando da parte doméstica do lar (KROTH 2008).

A família passou por várias modificações após as duas guerras mundiais e a revolução industrial. O modo individual (estilo de vida) passou a ser mais valorizado, e seus valores e capacidades tinham mais importância do que a posição social, gênero ou idade. Por conta disso, a família se modificou de uma forma que foram também surgindo algumas questões de gênero, que ainda serão abordadas no *corpus* deste trabalho.

Após a industrialização, a família moderna conseguiu se desvincular de algumas culturas que não combinavam mais com a nova família, agora preocupada com a individualização, a exemplo dos casamentos arranjados, que passaram a ser por escolha dos próprios envolvidos do mesmo, casamento por afeto, etc. (HINTZ, 2001).

1.5 A Família na era Contemporânea: novas mudanças

Até aqui falamos dos modos de vivência das famílias de todos os períodos registrados, agora falaremos da família contemporânea, que pode ser contabilizada no tempo a partir da década de 1970 até os dias de hoje. Justamente por conta disso é que teremos um cuidado maior ao analisá-la, pois fazemos parte dessa mesma História. Conceição (2016) cita alguns etnógrafos que vivenciaram essa mesma jornada de pesquisa, como por exemplo, Florence Weber (2009), Marwan Mohammed (2011), Malika Gouirir (1998) e temos também o caso de Gilberto Velho (1978) que: “[...] toma como tema de sua reflexão a prática de tornar o familiar em exótico na pesquisa antropológica.” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 45). Nessa ótica, ao se fazer parte do objeto estudado, deve-se manter uma distância do mesmo, para que assim tenhamos um “estranhamento”, e estudar os fenômenos como se não fôssemos do seu próprio universo.

Após meados do século XX, a família não foi mais a mesma, logo o povo passou por várias revoluções na História do qual tiveram muitas mudanças de ideais e pensamentos. O indivíduo passou a ser mais valorizado (como citado no tópico anterior), e isso fez com que uma nova cultura fosse finalmente construída, caracterizando assim a Era Contemporânea (HINTZ, 2001). Leandro (2006) complementa falando que, a família vem sofrendo profundas modificações, tanto

políticas, quanto econômicas, também sociais, e principalmente culturais. Na era contemporânea, a família apresenta novos formatos estruturais, além da “clássica”, que é conhecida como a família nuclear, há também a monoparental, a recomposta, a homossexual, etc.

Com acesso aos direitos fundamentais, tanto para os homens, quanto para as mulheres, houve o processo de igualdade jurídica dos casais, que por sua vez, o divórcio foi apenas uma das consequências dos resultados dessas ações. As mulheres, que antes eram totalmente oprimidas, passaram a ter uma maior independência financeira por conta de sua inserção no mercado de trabalho. E por conseguirem, finalmente, esse poder perante a sociedade, ficaram cada vez mais confiantes de si, e, por isso, algumas até conseguiam pedir o processo de divórcio. Em contrapartida, ainda era de responsabilidade total das mulheres divorciadas, que tinham filhos, cuidar dos mesmos, pois até então, essa tarefa (alimentar, orientar, educar, cuidar, etc.) seria apenas para as mães, ou seja, para a sociedade, os homens não eram capazes de exercer a função de pai (que cuidam sozinhos). Com esse fenômeno acontecendo, houve outro que também começou a ocorrer: a construção das famílias monoparentais, mais precisamente, a mulher educa seus filhos pequenos sozinha, tornando-se assim uma família vulnerável socialmente (BRANCO e PEDROSO, 2008).

As mulheres passaram a ter uma maior liberdade frente à questão econômica, pois tiveram a oportunidade de trabalhar fora de casa. Depois que houve as duas grandes guerras, com a escassez de homens, alguém tinha que sustentar as suas famílias. Com isso aumentou ainda mais o leque de trabalho para que as mesmas agissem. No mais, conseguiram um lugar na política, na educação, no mundo das artes, na cultura, etc. Assim, os estudos foram se tornando cada vez mais avançados, pois necessitavam deles para seguirem com as profissões e, por sua vez, começaram a frequentar as Universidades para que tal fosse concretizado (HINTZ, 2001).

2 CAPÍTULO II – CHEFES DE FAMÍLIA: MULHERES NO PODER?

Historicamente as Mulheres foram vistas como secundárias na sociedade. Tal preconceito foi desenvolvido por algumas culturas ao longo das épocas, como acabamos de ver no capítulo anterior, porém, atualmente, elas estão exercendo um papel mais importante em todos os modelos existentes, porque houve muitas lutas para que elas conseguissem tais resultados – mas ainda precisam ser feitas muitas outras coisas para que, de fato, a História delas seja mudada bruscamente –, desconstruindo aos poucos a figura degradante de estarem sujeitas a apenas se tornarem donas de casa, transformando-se em protagonistas de algumas situações ao longo da História da humanidade, sendo mais independentes e tendo um papel ativo na sociedade, no mercado de trabalho, algumas na política e na economia do mundo em geral.

Segundo Scott (2002), a mulher é uma chefe de família, quase sempre na completa ausência de um parceiro masculino, podendo, é claro, haver a presença do mesmo em raríssimos casos, enquanto justamente o contrário acontece com os homens, ou seja, com a presença ou não de esposa e filhos naturalmente, perante a sociedade, eles são considerados os chefes da família. Isso, por sua vez, mostra que as Mulheres, perante a sociedade, em alguns aspectos, não têm o poder de comandar uma família com a presença de um homem.

Em conformidade com Macêdo (2008), as novas arrumações de famílias do tipo monoparentais construíram-se a partir da precarização da qualidades de vida da população que se associaram a fatores demográficos, como: “[...] a ocorrência de novos fluxos migratórios, a redução da fecundidade, o aumento do número de divórcios, a ampliação da expectativa de vida e o crescimento relativo das uniões consensuais e das chamadas ‘produções independentes’.” (MACÊDO, 2008, p. 394). Outros fatores também, segundo a autora, fazem com que as mulheres como “chefes de família” tenham sido vistas não como um fenômeno proposital, mas sim como um resultado de algumas situações, tanto as colocadas na citação anterior, quanto:

“[...] a ampliação da entrada da mulher no mercado de trabalho nas três últimas décadas, [...] o avanço de movimentos sociais e de novos protagonistas sociais, como o movimento feminista, vai produzir uma situação de grande complexidade, [...]” (IBIDEM, 2008, p. 394).

Macêdo (2008) disse que todas esses avanços em torno das mulheres estavam acontecendo no mundo em geral, mas que poderia causar outras situações nas famílias que nem mesmo os estudiosos não poderiam explicar de imediato, pois tudo aquilo de certa forma era uma novidade para a época.

2.1 A inserção das Mulheres no mercado de trabalho

A partir do capitalismo moderno, segundo Matos e Gitahy (2007), o trabalho “dito” feminino foi um dos mais sacrificados da sociedade. “Cresceram as profissões ditas femininas, desvalorizadas e sem prestígio: engomadeira, lavadeira, bordadeira.” (MATOS E GITAHY, 2007, p. 76). Assim é que as mulheres trabalhavam nesses tipos de emprego sem nenhuma lei que garantisse seus direitos ou até mesmo um salário digno.

A partir do século XIX, na Europa, as profissões que se tornaram permitidas para a mulher exercer foram às associadas ao ensino, depois algumas relacionadas à saúde e ao direito. Estas últimas, por ainda haver muito preconceito, foi bastante refutada pela sociedade, por acharem que fossem profissões “masculinizadas. Desse modo, “mesmo exercendo sua profissão, eram desvalorizadas, e poucas receberam seu devido reconhecimento [...]” (ALMEIDA E SILVA, 2017, pp. 210-211). Com o processo de industrialização em alta, os trabalhos deixaram de exigir força física, o que seria perfeito para que as mulheres finalmente trabalhassem igual aos homens, mas como ainda não eram valorizadas de acordo, mesmo fazendo uma função quase igual, ganhavam salário mais baixo que os homens (ALMEIDA E SILVA, 2017).

No final do século XIX, ainda havia um arsenal de preconceitos com relação à profissão que as mulheres escolheriam. Até mesmo depois de terem conseguido o direito ao voto, apenas algumas profissões eram consideradas como femininas – como citado acima, com o avanço das tecnologias, alguns trabalhos não necessitavam de trabalho braçal – tendo assim as que atendessem mais o público feminino, como por exemplo, secretarias, telefonistas, escriturárias e datilógrafas. Mesmo com a Revolução Industrial e as leis em torno das crianças (as quais proibiram as crianças de trabalharem), as mulheres apenas ganharam um espaço pequeno no mercado de trabalho, mas ainda sofriam bastante com a sociedade do patriarcalismo (ALMEIDA e SILVA, 2017).

Foi a partir do século XX, após a duas Guerras Mundiais, que as mulheres finalmente conseguiram um espaço maior em torno do trabalho em geral, pois com a escassez dos homens, alguém tinha que conseguir o sustento digno para as famílias, e também para que a sociedade continuasse funcionando. Mas não foi nada fácil conseguir tais conquistas. Mesmo com todas as problemáticas que estavam acontecendo na época, a sociedade não admitia o fato de as mulheres trabalharem, por conta do pensamento arcaico ainda existente, de que elas não tinham a capacidade de agir racionalmente assim como os homens (ALMEIDA E SILVA, 2017). Elas, então, fizeram várias manifestações, movimentos grevistas, com o apoio do feminismo (ver tópico 2.1.2).

Para Scott (2002), as mulheres têm certas dificuldades ao serem chefes de família, principalmente por causa do trabalho (do qual provém o sustento principal da mesma) que possam executar, pois ele diz que:

- Costumam ser provedoras principais (não complementares);
- Ganham rendas baixas;
- Precisam conciliar horários de casa e horários de trabalho;
- Precisam de apoio para cuidar dos dependentes enquanto trabalham;
- Sofrem frequentemente de exclusão do emprego por causa de demandas de casa; e
- São excluídas de direitos da previdência social. (SCOTT, pp. 12-13, 2002).

A explicação para tal fenômeno é que a renda provedora seria de responsabilidade de apenas uma pessoa, e que tal pessoa poderia sofrer de pressões internas e externas, ou seja, tanto da própria família, quanto do próprio trabalho em si, para que a mesma se mostrasse mais ativa com respeito à profissão exercida. Scott (2002) fala também que o mercado de trabalho está cada vez mais afunilando os profissionais, mas que está, sim, abrindo oportunidades para as mulheres, mas que devia haver mais políticas públicas para apoiá-las nesta questão.

As mulheres sofreram muitas dificuldades para o acesso ao mercado de trabalho, e isso foi uma longa jornada, logo percebemos que é algo bastante recente. Mas assim que conseguiram essa conquista, surgiu uma nova problemática, pois além do trabalho fora de casa, as mulheres ainda eram e até hoje são as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, incluindo o cuidado para com os filhos e a casa em geral. Essas duas funções fazem com que haja um desequilíbrio emocional, por causa da carga dupla de trabalho. Contudo, a mulher, na sociedade

contemporânea, pode, efetivamente, manter a sua família, dependendo do tipo da mesma (ALMEIDA E SILVA, 2017). Porém, segundo Matos e Gitahy:

No trabalho, as mulheres brasileiras vêm conquistando seu espaço, sua participação econômica e social tem crescido, mas ainda recebem cerca de 40% a menos que o homem, na mesma função e com nível de escolaridade superior e, em determinadas ocupações seu acesso ainda é restrito. Além dos baixos salários e dos preconceitos diante da discriminação presente no setor trabalhista, a mulher ainda enfrenta a dupla jornada do emprego e do lar. (MATOS E GITAHY, 2007, p. 83).

Mesmo com todas as conquistas em relação ao trabalho, ainda assim, têm-se algumas situações em que as mulheres não conseguem os mesmos direitos em relação aos homens e uma dessas situações é o salário, como foi citado acima.

Juntamente com o acesso à profissão, houve outras conquistas que as mulheres ao longo de suas vidas também conseguiram com muita resistência e lutas: a escolarização, que, como veremos a seguir, para as mulheres sempre foi negado esse tipo de direito, justamente pelo fato de haver uma cultura do patriarcado, pois como elas ficavam apenas para os serviços domésticos, no pensamento da sociedade, não havia, para elas, a necessidade de serem educadas para fins profissionais.

2.1.1 As dificuldades da escolarização feminina ao longo da História

Ao longo da História, as Mulheres, por serem biologicamente “programadas” para a procriação, eram destinadas apenas para a reprodução – criaram estereótipos sexuais em torno da mesma – ao ambiente doméstico, para cuidarem dos filhos e da casa e servirem aos pais e aos maridos. Por esse e outros motivos, não havia por que elas estudarem em escolas, elas teriam que aprender apenas o básico para que pudessem ser donas de casa, exercendo funções como por exemplo: cozinhar, limpar, costurar, bordar, etc. “Ao atribuir aos homens a condição de donos do saber e às mulheres, o papel feminino, subordinado ideologicamente ao poder masculino, a história vem salientar as desigualdades.” (RODRIGUES, 2007, p. 4).

No Brasil, até meados do século XV: “[...] a educação da mulher era considerada como desnecessária e vista com certo descaso, principalmente no que se refere ao campo cultural.” (RODRIGUES, 2007, p. 8). No pensamento da

sociedade as mulheres tinham que saber apenas o necessário, com pouco conhecimento, ficando assim sem saber ler, escrever, admirar o mundo das artes, limitada apenas ao lar com funções domésticas, tudo isso com o intuito de determinar a hegemonia masculina.

Na Europa, no século XVII, houve o início da escolarização para meninas, mas tratava-se de um ato extremamente religioso, e, é claro, com altas discussões sobre o assunto na época, pois ninguém queria permitir que mulheres aprendessem, a não ser que fosse com um motivo nobre. Martinho Lutero foi um dos responsáveis por esse feito. Com o intuito de que toda pessoa pudesse ler a Bíblia, ele fez de tudo para que as escolas fossem mantidas, e os motivos eram: A educação religiosa na igreja; A educação sociopolítica do Estado republicano; A inserção sócio profissional das mulheres no mercado de trabalho, entre outros, (MONTEIRO, 2012).

A partir dos ideais iluministas e do Romantismo no século XVIII, surgiram os pensamentos sobre o amor em todas as suas formas. “Nota-se a discriminação, consolidada pelo discurso da mulher frágil, emotiva, amorosa, incapaz, portanto, ‘inferior’, não permitindo o acesso ao conhecimento dessa condição opressiva.” (RODRIGUES, 2007, p. 5). Com essa linha de ideias, não necessitaria às mulheres terem uma base escolarizada forte ou algum poder na política, pois elas já tinham o apoio masculino para sobreviverem.

A escolarização das meninas, no século XVIII e início do XIX, era realizada em casa, ou na casa de outras pessoas, ou na de parentes, ou na vizinhança, algumas eram enviadas às “pequenas escolas” ou a conventos. “A extensão da escolaridade às meninas não se difundiria antes do século XIX.” (ARIÉS, 1986, p. 233). A prática e o costume seriam os meios que as meninas, nessa época, tinham para adquirir conhecimento por bastante tempo, mais do que pela escola, e muitas vezes em casas de outrem (ARIÉS, 1986).

No século XIX, segundo Louro (2004), havia poucas escolas, tanto para os meninos quanto para as meninas, mas essas escolas eram ainda mais raras para as meninas, e elas eram mantidas por leigos, apesar disso os professores tinham que lecionar apenas para as crianças de sexos correspondentes aos seus. “Deveriam ser, eles e elas, pessoas de moral inatacável; suas casas, ambientes decentes e saudáveis, uma vez que as famílias lhes confiavam seus filhos e filhas.” (LOURO, 2004, pp. 371-372). Isso demonstra que além de ensinamentos da ciência em geral, professores deveriam ser bons em ética, respeito e acima de tudo terem os

conhecimentos religiosos, mais precisamente a religião cristã. Depois disso os conhecimentos passariam a serem mais específicos, ou seja: “[...] para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura.” (IBIDEM, 2004, p. 372).

A educação das moças mais afortunadas, do século XIX, era da seguinte forma: “[...] o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas.” (LOURO, 2004, p. 373). As mulheres, na época, não poderiam de modo algum se expor, e para isso tinha que se submeter a uma educação que as ensinasse como se comportar perante a sociedade, uma educação que restringisse totalmente a forma de como elas passariam a ver o mundo por conta disso:

As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens. (LOURO, 2004, p. 373).

Para as famílias, as moças precisavam de escolarização apenas para saber o básico, servia somente, como o citado acima, para que tivessem conhecimento o suficiente, segundo a autora, para representarem o marido perante a sociedade. Como se tratava em ensinamentos relacionados à religião, muitas coisas não eram permitidas, e o que era permitido não estudado a fundo, pois para algumas pessoas: “[...] não havia por que mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios.” (LOURO, 2004, p. 373). Assim sendo, a sua função como mulher na sociedade da época era apenas se dedicar na criação dos filhos, cuidar do marido e da casa.

No início do século XX, no Brasil, a ajuda de várias manifestações feitas a partir dos ideais feministas (como veremos no próximo tópico), assim como houve a inserção das mulheres no mercado de trabalho, aconteceu também o processo de escolarização da mesma, porém essa evolução foi ocorrendo aos poucos. Segundo

Almeida (1998), começou com a profissão que consideravam a mais “feminizada” possível (tratava-se de ensinar crianças, função ligada à maternidade), que era “ser professora”, uma profissão respeitável e almejada, perante a sociedade. Assim, as meninas de classe média conseguiam fazer o magistério para então exercerem esse ofício. Para Almeida:

A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que "ser professora" se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais. (ALMEIDA, 1998, p. 28).

Essa forma de trabalhar foi a que mais convenceu a sociedade – considerada patriarcalista – para as mulheres finalmente conseguirem o seu sustento e de serem respeitadas pelo seu trabalho. Essa foi uma das formas que as mulheres foram aos poucos conquistando o seu espaço público, pois agregava muitos valores pelo fato de estarem trabalhando com aquilo que de certo modo já estavam ambientadas, ou ainda iriam, pois era uma espécie de missão para as mulheres na época, serem mães (ALMEIDA, 1998).

2.1.2 O Feminismo: alguns significados

Segundo Matos e Gitahy: “O Feminismo é uma corrente de pensamento complexa que procura lidar com contradições básicas da sociedade. Visa a igualdade entre seres humanos e a libertação da mulher.” (MATOS E GITAHY, 2007, p. 77). Existe também o feminismo radical, que privilegia totalmente as mulheres, assim como o machismo que valoriza apenas o homem. As autoras, porém, não concordam com tais convicções, pois as duas são totalmente o contrário do verdadeiro Feminismo, que procura uma igualdade justa entre ambos os sexos (MATOS E GITAHY, 2007). O que acontece hoje em dia, é que muitas pessoas têm preconceito com as mulheres que se auto intitulam feministas perante a sociedade, pois elas acabam considerando apenas o feminismo radical, no qual não é bem visto pela maioria delas, pois este coloca totalmente as mulheres para lutarem não só contra o machismo, mas também contra os homens em geral. Embora o feminismo radical não seja algo considerado bom para o relacionamento entre ambos os sexos,

ele já marcou muitas vezes a luta das mulheres para obterem os seus direitos, como veremos a seguir.

Uma das primeiras adeptas ao Feminismo Radical foi Simone de Beauvoir, que nos anos 50, na França, inicializou iniciou as questões do Feminismo sobre sexualidade e da família. Silva (2008) cita a obra “O Segundo Sexo”, em seu livro, para explicar que a partir daquela publicação muitos ideais foram construídos com base nos pensamentos contemporâneos, pelos quais a mulher, que antes era sujeita a quaisquer tipos de violência psicológica, agora não mais que algo do tipo acontecesse com ela, pois a partir daquela época as mulheres passariam a ter voz perante a sociedade como um todo. Assim é que a autoestima feminina foi cada vez mais se tornando maior. Como citado no capítulo anterior, as mulheres ganharam um *status* no mundo, inserindo-se no mercado de trabalho, no político e ganhando forças para elas mesmas seguirem com suas próprias vidas sem depender de outra pessoa. Embora não tenha utilizado a palavra gênero, Beauvoir foi a pioneira em analisar melhor a questão do feminino em si, fazendo diferentes abordagens, dentre as quais a argumentação de que o universo feminino é apenas uma construção social (SILVA, 2008).

A desnaturalização do corpo foi um dos processos adotados pelo feminismo, criando assim o conceito de “gênero” para embasar os mesmos. Tal consideração forneceu elementos aos debates acerca do feminismo com base na distinção entre “sexo” e “gênero” (MATOS E LOPES, 2008). Os termos ora citados são muito diferentes entre si, “gênero” era utilizado para se referir a algo que se constrói socialmente, já “sexo”, representava a pessoa como a natureza fez (assim como no reino animal, macho ou fêmea). “Dessa forma, pensava-se o corpo como uma materialidade evidente e natural, permanecendo o termo ‘sexo’ na teoria feminista ‘como aquilo que fica fora da cultura e da história, sempre a enquadrar a diferença masculino / feminino.’.” (MATOS E LOPES, 2008, p. 63). Ver-se, pois, que “[...] o conceito de gênero não se refere especificamente a um ou outro sexo, mas sobre as relações que são socialmente construídas entre eles.” (ALMEIDA, 1998, p. 40), e cujo sentido está totalmente relacionado à maneira como a mulher foi e é tratada até hoje em dia pela sociedade.

Segundo Almeida:

As desigualdades entre os gêneros, assim como as que envolvem idade, classes sociais e raças, e entre aqueles com opções sexuais diferenciadas, efetivam mecanismos de produção e reprodução da discriminação que adquirem concretude em todas as instâncias da vida social pública e privada: na profissão, no trabalho, no casamento, na descendência, no padrão de vida, na sexualidade, nos meios de comunicação e até nas ciências, envolvendo a História, a Sociologia, a Antropologia, a Política e a Economia. (ALMEIDA, 1998, pp. 40-41).

Com tal afirmação, Almeida (1998) diz que toda a discriminação sofrida pelas mulheres tem uma origem, que é a desigualdade de gênero, tudo isso com base nos ideais existentes na época (fim do século XIX), na inferioridade biológica (baseada nas estruturas corporais do indivíduo) e intelectual feminina, através dos quais o feminismo surgiu como ideais contra esses pressupostos. Havia uma ditadura de gênero, que aos homens eram dados plenos poderes e valores, enquanto para as mulheres era reservado apenas o preconceito existente na sociedade, pelo simples fato de terem nascido mulheres, e seus corpos serem diferentes, por isso foram criadas várias conjecturas em relação ao “ser mulher”, ao seu gênero, que levou a mesma a estar sempre em escala mais baixa que a masculina. O feminismo desbancou as teorias naturalistas que surgiram, e que estabeleciam que: as mulheres, além de serem inferiores aos homens, tinham também a missão de cuidar da saúde e da educação dos filhos, portanto, mantendo as mesmas apenas em trabalhos domésticos. (ALMEIDA, 1998).

As mulheres (MATOS E GITAHY, 2007), após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, em meados do século XX, conseguiram algo que só era permitido aos homens: trabalhar (um trabalho que desse sustento para as suas famílias), pois era necessário que as mesmas ajudassem a erguer a sociedade. Logo, conseguiram também outros direitos (também relacionados ao trabalho), embora fosse algo que estava se construindo aos poucos, com a ajuda dos movimentos grevistas, principalmente. E conseguiram também o controle de seus próprios corpos com a ajuda da “[...] pílula anticoncepcional que, historicamente, abriu as portas para uma revolução sexual, para flexibilização da moral e o ingresso da mulher no mercado de trabalho.” (MATOS; GITAHY, 2007, p. 79).

O movimento feminista, (ALVES; ALVES, 2013.), no Brasil foi reproduzido na época da ditadura militar em meio às torturas sofridas por envolvidos políticos. O mesmo colocou alguns argumentos que vigoraram o debate sobre a violência contra as mulheres doméstica. Mais tarde, “o processo de redemocratização foi o marco

das conquistas, e tem como símbolo da trajetória percorrida pelo movimento feminista, a Constituição de 1988, que consolidou vários direitos da mulher, [...].” (ALVES; ALVES, 2013, p. 118.), momento em que elas garantiram direitos e travaram discussões a respeito desse tema.

Na Inglaterra, segundo Matos e Gitahy (2007), as mulheres do movimento feminista foram as primeiras que lutaram por seus direitos. “Nos Estados Unidos, as americanas queimaram seus sutiãs como uma forma de protesto, que simbolizava o fim da camisa de força da organização social que aprisionava a mulher, pois, para elas, o sutiã representava uma prisão.” (MATOS; GITAHY, 2007, pp. 77-78).

De acordo com Almeida (1998), no Brasil, o movimento feminista (organizado pela elite culta, de classe alta) também se manifestou para lutar pelos seus direitos, pois viram o exemplo das americanas e europeias, no entanto, não foi tão intenso quanto nos outros países, mas elas não queriam ficar fora desse momento Histórico da sociedade. Tal evento que fora apoiado por alguns homens do meio político e outros intelectuais, fez com que, de certa forma, fossem abaladas, as estruturas sociais na época, de modo que em 1930 conseguiram o direito ao voto. Com a implantação do Estado Novo, as manifestações se silenciaram por mais um longo período, mas ainda assim, havia a luta pelos ideais (ALMEIDA, 1998).

Assim, o feminismo, ao longo da História, permitiu que as mulheres pudessem fazer parte das ações da humanidade, influenciando também, por meio do movimento, algumas mudanças em torno da política, e com muito esforço conseguiram algumas leis e obtiveram direitos básicos, como por exemplo, o direito ao voto. Desse modo, elas deixaram de ser meramente domésticas para se tornarem públicas, com a ajuda de vários movimentos sociais. As manifestações foram as que mais deram resultados significativos, afinal, “[...] o sujeito histórico não é universal ou assexuado, nem há categorias de análise que deem conta da complexidade da vida como um todo.” (ALMEIDA, 1998, p. 49).

2.2 O papel das Mulheres na família atualmente: a dupla jornada de trabalho

Na contemporaneidade, segundo Borsa e Feil (2008), com as famílias tendo filhos ou não, há uma certa confusão em relação aos papéis tanto do homem quanto da mulher em conexão com a vida conjugal de ambos, que é justamente o contrário das famílias tradicionais, em que apenas o homem poderia ser o provedor universal

e a mulher cuidava da casa e dos filhos. Houve várias modificações ao longo das épocas, principalmente entre as famílias de classe média, e estas estão em fase de ajustes a respeito das funções dos pais e das mães. Ambos agora compartilham todas as tarefas, principalmente a da educação dos filhos, o que já é um grande avanço.

A emancipação feminina foi uma das situações responsáveis diretamente no comportamento das Mulheres nos últimos anos, e como consequência houve entrada das mesmas no mundo do trabalho, o que foi algo que mudou drasticamente os seus modos de pensar a respeito de muitas questões da vida. “É notório que hoje as mulheres buscam uma identidade profissional, uma vez que passaram a ser reconhecidas pelo que fazem e não mais, unicamente, pelo que “naturalmente” podem ter.” (CALVANO; SMEHA, 2009, p. 213).

Com o trabalho, as Mulheres passaram a ter mais contentamento na vida, elas se sentem mais realizadas profissionalmente. Por esse e outros motivos, hoje em dia, as Mulheres não mais têm aquela necessidade e/ou vontade de serem mães, ou seja, a maternidade deixou de ser a questão mais prioritária na vida delas, não pelo fato de não quererem, mas sim pelo fato de não ser mais a única coisa que farão para suas vidas fazerem sentido, e outro fator é por não ser algo tão cobrado quanto antigamente (CALVANO; SMEHA, 2009). A consequência disso foi que, segundo o IBGE, na Tabela 1 os índices de natalidade diminuíram bastante desde 2006 em diante, reduzindo-se a quase um filho por mulher.

Tabela 1- Natalidade Infantil

2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
2,05	2	1,95	1,9	1,87	1,83	1,8	1,78	1,74	1,72*

* Média da quantidade de filhos por mulher

Fonte: (IBGE, 2015)

Segundo Junior e Verona (2008), diversos estudos empíricos têm demonstrado que em sociedades onde existem a incompatibilidade de papéis e o alto custo de oportunidade de ter filhos, “[...] as mulheres que trabalham têm em média menos filhos quando comparadas com as mulheres que não trabalham.” (JUNIOR E VERONA, p. 117, 2008). Quanto maior a participação da mulher no mercado de trabalho, menores são as expectativas de terem filhos, pois a dupla jornada, ou seja, de serem mães e terem uma profissão, não é nada fácil,

principalmente nos países ocidentais, o que demonstra assim uma relação desproporcional entre as taxas de participação das Mulheres no mercado de trabalho e as taxas de fecundidade (JUNIOR; VERONA, 2008).

Para Calvano e Smeha:

[...] a mulher moderna conquistou a chance de ir para além da maternidade em busca da ilusão da completude pela posse do falo. Assim, uma mulher, mesmo diante da inacessibilidade subjetiva à maternidade, a qual pode envolver multifatores, alguns discutidos ao longo deste trabalho, não vê cessar suas alternativas de busca imaginária do significante fálico, já que, segundo Betts (2000), a partir de uma perspectiva imaginária o falo seria qualquer representação do ter alcançado a igualdade sexual, em busca do ideal de satisfação. (CALVANO e SMEHA, p. 213, 2009).

No caso, ambos concordam com Junior e Verona, quando dizem que a mulher busca no momento promíscuo de suas vidas pensarem além da maternidade, e tal pensamento faz com a fecundidade seja deixada de lado por algumas mulheres, principalmente aquelas que se sentem realizadas em suas carreiras.

2.2.1 O crescimento das famílias monoparentais chefiadas por mulheres no Brasil

Entre 2001 e 2009 houve um grande aumento da proporção de famílias chefiadas por mulheres no Brasil, com um acréscimo de 27% para 35% nas pesquisas, tendo sido entrevistadas 21.933.180 famílias. Os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio) colocam não só famílias com mulheres divorciadas, mas também outras configurações, como:

[...] mulheres solteiras ou viúvas com filhos e tendo ou não parentes e/ou agregados em casa; mulheres solteiras, separadas ou viúvas com filhos e tendo ou não parentes e/ou agregados em casa; mulheres solteiras, separadas ou viúvas, sem filhos com presença ou não de parentes e/ou agregados; mulheres solteiras, separadas ou viúvas morando sozinhas; e, ainda, mulheres casadas chefiando a família mesmo tendo um marido ou companheiro em casa, com ou sem filhos. (IPEA, 2010, p. 5).

Essa pesquisa do IBGE/PNAD, organizada pelo IPEA, constata as chefes de família como sendo as pessoas que assumiam a responsabilidade de cuidar das despesas do lar e os cuidados com os filhos. O maior percentual de famílias

monoparentais chefiadas por mulheres é com filhos e sem cônjuge e o mais importante, para elas, é a responsabilidade com os filhos.

São inúmeros fatores que causaram o crescimento de famílias chefiadas por mulheres, essas condicionantes têm provocado modificações sociodemográficas no Brasil: queda da fecundidade, redução do tamanho das famílias, maior expectativa de vida para as mulheres em relação aos homens, envelhecimento populacional e processos de individualização dos sujeitos, entre outros. Todas essas mudanças causam também transformações dos padrões culturais sobre o modo de vida das mulheres, como por exemplo, a situação da mulher solteira, viúva, ou separada com filhos, constando vários significados (IPEA, 2010).

São inúmeras as situações que fazem com que a figura feminina seja estabelecida como a líder da família. “A chefia feminina vem crescendo em todas elas, mas num tipo em particular chama atenção: os casais – com ou sem filhos.” (IPEA, 2010, p. 9). Mesmo que as mulheres tenham assumido um papel tão importante para a família, elas ainda não seriam devidamente reconhecidas pela sociedade, se elas também não exercessem com a presença de um companheiro do sexo masculino, que seria mais que uma conquista, e sim uma realização de algo superior a todos esses pressupostos existentes antes, rompendo todas as barreiras do método tradicional de família. As mulheres então passam por um processo de empoderamento, no qual a própria sociedade passa a respeitá-las, demonstrando os seus devidos valores e identificando esse novo poder perante às suas famílias (IPEA, 2010). Algumas situações fazem com que ocorra tal realização: “[...] 1) a mulher ganha mais que o cônjuge; 2) a mulher possui mais escolaridade; 3) a mulher tem uma situação de trabalho mais estável.” (IPEA, 2010, p. 10).

Todas essas questões deram início a várias perspectivas de atuação feminina nos estudos de políticas públicas, nesta pesquisa em questão, por exemplo, não debatemos a respeito das famílias que possuem uma mulher no comando, mas sim sobre a própria mulher e seus desafios e aspectos de serem chefes de família, Scott (2002) procura ressaltar algumas modalidades de temas dessas políticas inspiradas em algumas leituras:

As pesquisas neste seminário de Piola e Bezerra, de Bezerra Silva e de Oliveira tanto delimitam 1) como estas mulheres são diferenciadas no seu uso de serviços, 2) como alguns programas específicos conceitualizam e agem diante da presença das mulheres chefes de família, e 3) possibilidade de ações a serem tomadas em benefício delas. (SCOTT, 2002, p. 12).

O autor citado acima fala também sobre algumas questões com as quais as mulheres têm muitas dificuldades – as quais estão muito relacionadas com o assunto das políticas públicas, pois é exatamente para essas dificuldades que foram pensados tais temas – ao se tornarem as principais responsáveis por suas famílias, tanto no aspecto financeiro quanto no psicológico, somadas ainda as áreas do trabalho (ver o tópico 2.1), da educação (ver o tópico 2.1.1), da saúde, da justiça e outras. (SCOTT, 2002).

2.3 A participação das mulheres no mercado de trabalho com base nos dados do IBGE

Como explicado nos tópicos anterior, as mulheres ao longo tempo, sofreram muito preconceito em relação a tudo que faziam e isso não foi diferente com o processo de escolarização e a inserção ao mercado de trabalho. O que antes era considerado algo muito difícil de conquistar por causa de todos os conceitos culturais existentes antigamente, agora existem muitos argumentos e até leis que colocam as mulheres em ascensão e as fazem conseguir, o que antes lutaram para alcançar, isto é, o seu espaço. Veremos então, os resultados das análises feitas no site do IBGE, a fim de ajudar na elaboração deste trabalho. Começamos primeiro com as taxas de escolaridade, onde cada tabela vai explicar com números tudo que queríamos colocar neste estudo sobre o tema.

- **A Escolaridade;**

O acesso à escolaridade feminina demorou bastante tempo para que fosse de fato concretizada, elas lutaram muito ao longo da história para conseguirem esse direito. Nas tabelas a seguir, colocamos a situação das pessoas no Nordeste, onde se encontra a cidade principal onde a pesquisa foi realizada entre os anos de 2012 e 2016, mas para notar a diferença entre os homens e as mulheres, separamos os dados entre eles e também o de total.

Tabela 2 - Taxa de frequência escolar bruta de pessoas de 15 a 17 anos no Nordeste

	2012	2013	2014	2015	2016
Total	84,7%	84,9%	84,8%	85,3%	86%
Homens	85,2%	85,4%	85,3%	86,1%	86,1%
Mulheres	84,3%	84,5%	84,2%	84,5%	85,9%

Fonte: (IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016)

Na Tabela 2, temos a frequência escolar entre as pessoas de 15 a 17 anos, onde demonstra através dos dados percentuais, como tem culminado a educação dos jovens nessa faixa etária. Notamos que os números estão bem acentuados e igualitários (de 84% a 86%) tanto entre os homens quanto para as mulheres ao longo dos anos. Então, consideramos que com isso os dois lados estão praticamente iguais nessa fase da escolarização.

Tabela 3 - Taxa de conclusão no Ensino Médio de pessoas de 20 a 22 anos no Nordeste

	2012	2013	2014	2015	2016
Total	49%	51,2%	53,4%	55,2%	57,6%
Homens	43,5%	45,1%	47%	47,7%	50,1%
Mulheres	54,2%	57,3%	59,9%	62,4%	65%
Nº de pessoas	2.722	2.680	2.632	2.681	2.760

Fonte: (IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016)

Acima temos a Tabela 3 onde se trata da taxa de conclusão do Ensino Médio entre pessoas de 20 a 22 anos, diferente da tabela anterior na qual informa que os números estão basicamente iguais, esta demonstra que nessa região os homens e as mulheres (elas um pouco mais que os homens) entrevistados apresentaram uma melhora crescente (de 43,5% a 65%) com relação a esse nível de ensino, isso significa que ao passar dos anos as pessoas consideraram a educação muito importante para que elas adentrassem ao mercado de trabalho.

Tabela 4 - Taxa de frequência escolar líquida ajustada ao Ensino Superior no Nordeste

	2012	2013	2014	2015	2016
Total	13,4%	13,8%	15,5%	16,6%	17,6%
Homens	10,4%	10,9%	12,8%	13,2%	14,1%
Mulheres	16,3%	16,7%	18,2%	19,2%	21,1%

Fonte: (IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016)

Partimos agora para a educação do nível superior, começando a falar em frequência escolar com a Tabela 4, onde os números apontam um aumento dos números em torno de 4% a 5% ao longo do tempo, para ambas as partes, mas as

mulheres estão sempre na frente com 6% ou 7% de diferença com relação aos homens, mesmo assim os números nos mostra que tem há uma subida de forma crescente de 10,4% sendo o menor valor e 21,1% sendo o maior.

Complementando a tabela anterior temos a Tabela 5 que fala sobre a conclusão do Ensino Superior entre pessoas de 27 a 30 anos, vemos na mesma que a frequência é bem maior que a taxa de conclusão, sendo 6,7% o menor valor e 14,8% o maior valor. No caso, aqui temos uma diminuição em ambas as partes no ano de 2014 especificamente, mas em 2015 volta a aumentar em forma crescente como estava antes. Mais uma vez os homens estão com os números bem abaixo das mulheres (de 4% a 5% de diferença), com isso demonstra que elas estão cada vez mais se qualificando para mostrar para a sociedade que estão preparadas para o mercado de trabalho.

Tabela 5 - Taxa de conclusão de Ensino Superior no Nordeste, pessoas entre 27 a 30 anos

	2012	2013	2014	2015	2016
Total	9,3%	9,9%	9%	12,2%	12,6%
Homens	7%	8%	6,7%	9,9%	10,2%
Mulheres	11,4%	11,8%	11%	14,2%	14,8%
Nº de pessoas	2.642	2.592	2.669	2.680	2.541

Fonte: (IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016)

Como vimos nas tabelas anteriores, o Nordeste é uma região que vem progredindo bastante na escolarização, mas no Ensino Superior não está sendo muito explorados tais progressos, pois as taxas mostradas na tabela 4 não foram totalmente felizes com números bem baixos, porém pelo menos os mesmos demonstraram que a escolarização, principalmente entre as mulheres, aumentou bastante ao longo do tempo colocado na pesquisa.

Na Tabela 6 temos um aglomerado de resultados sobre o nível de instrução da população com 25 anos ou mais, agora não só no Nordeste, mas de todo o Brasil, entre os anos de 2012 a 2016. No primeiro momento nota-se que tal tabela nos informa a taxa discrepante de pessoas sem nenhum nível de instrução ou o ensino fundamental incompleto (de 40,5% até 47,5%) em relação ao Ensino Superior completo (de 10,9% até 16,9%), mas felizmente em todos os anos descritos na pesquisa houve a diminuição dos números da primeira, enquanto na segunda aconteceu algum aumento, que pode até ter sido pouco, contudo precioso. Mais abaixo encontramos os resultados das pessoas que tem o ensino fundamental

completo e ensino médio incompleto, tendo 12,7% como o menor número e 14,8% com o maior, ou seja, não houve muitas mudanças ao longo do tempo. Encerrando com as pessoas que possuem ensino médio completo e ensino superior incompleto, no qual foram colocados os números de 27,1% como o menor resultado e 29,9% com maior, e todos esses resultados foram de forma crescente de acordo com o tempo decorrido.

Tabela 6 - Nível de instrução da população de 25 anos ou mais, por sexo

	Total	Homens	Mulheres	Ano
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	46,2%	47,5%	45,1%	2012
Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto	13,9%	14,5%	13,4%	
Ensino médio completo e ensino superior incompleto	27,3%	27,1%	27,5%	
Ensino superior completo	12,5%	10,9%	14%	
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	45,1%	46,3%	43,9%	2013
Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto	13,7%	14,3%	13,2%	
Ensino médio completo e ensino superior incompleto	28,1%	27,7%	28,5%	
Ensino superior completo	13,1%	11,6%	14,4%	
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	43,2%	44,5%	41,9%	2014
Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto	14,2%	14,8%	13,7%	
Ensino médio completo e ensino superior incompleto	29%	28,6%	29,4%	
Ensino superior completo	13,6%	12%	15%	
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	42,2%	43,9%	40,7%	2015
Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto	13,9%	14,6%	13,4%	
Ensino médio completo e ensino superior incompleto	29,2%	28,6%	29,7%	
Ensino superior completo	14,6%	12,8%	16,2%	
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	41,8%	43,4%	40,5%	2016
Ensino fundamental completo e ensino médio incompleto	13,1%	13,5%	12,7%	
Ensino médio completo e ensino superior incompleto	29,7%	29,6%	29,9%	
Ensino superior completo	15,3%	13,5%	16,9%	

Fonte: (IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016)

As mulheres apresentaram resultados bastante significativos com relação à educação, onde a maioria dos bons números eram delas, principalmente nesta última tabela, que foi uma pesquisa realizada no Brasil todo, mesmo assim são

preocupantes alguns dados que indicaram o nível de falta de instrução bastante elevado de ambas as partes. Ainda há muitas pessoas analfabetas funcionais como e isso reflete muito na zona profissional das pessoas, mesmo sabendo como é a profissão na prática. É também muito importante ter uma boa leitura, mas agora nos foquemos no próximo tópico, que falaremos dos tipos mais comuns de empregos entre as mulheres hoje.

- **A relação com o trabalho;**

Neste tópico, veremos a participação feminina no mercado de trabalho, para complementar com os resultados das tabelas anteriores com relação à educação. Assim como houve muitas dificuldades na escolarização feminina, também o processo houve com o processo de adesão ao mercado de trabalho, e isso foi explorado no capítulo 2 contando a história delas. Por isso, colocamos os dados dos vínculos empregatícios femininos nos últimos anos para termos uma ideia de como se encontra a situação dos seus esforços, perante a sociedade e principalmente profissionalmente.

Tabela 7 - Proporção de pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, que são empregadas, por sexo, no Nordeste

	2012	2013	2014	2015	2016
Total	2,9%	3,1%	2,8%	3,1%	3,5%
Homens	3,5%	3,7%	3,3%	3,8%	4,2%
Mulheres	1,9%	2,2%	2,1%	2,1%	2,4%

Fonte: (IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016)

Na Tabela 7, temos a taxa de pessoas com 14 anos ou mais que são empregadas no Nordeste, assim como nas outras tabelas os anos estão entre 2012 a 2016. Diferente dos números sobre a escolarização os resultados dessa pesquisa para as mulheres não estão muito bons, girando em torno de 1,9% a 2,4% para elas e 3,5% a 4,2% para eles, oscilando um pouco ao longo do tempo. No mundo profissional, as mulheres que ainda não alcançaram o seu espaço.

Na pesquisa anterior, falamos dos vínculos empregatícios no Nordeste, o que não tivemos bons resultados para as mulheres, mas na Tabela 8 temos os resultados de pessoas de 15 ou mais anos de idade que participam no mercado de trabalho no Brasil. Entre os mais jovens de 15 a 24 anos deparamos com os

números entre 47,7% e 65,1%, mas de forma decrescente no total, o que significa que cada vez mais os jovens estão fora do mercado. Por incrível que pareça, dentro desse mesmo grupo, os índices das mulheres tiveram um pequeno acréscimo ao longo dos anos, apenas com uma caída em 2014 e logo em seguida subiu novamente.

Tabela 8 - Taxa de participação na força de trabalho para pessoas de 15 anos ou mais de idade, na semana de referência, por sexo.

	Total	Homens	Mulheres	Ano
25 anos ou mais	62,7%	74,7%	51,7%	2012
15 a 24 anos	56,7%	65,1%	48,2%	
25 anos ou mais	62,9%	74,6%	52,2%	2013
15 a 24 anos	56,1%	63,6%	48,5%	
25 anos ou mais	62,4%	74,1%	51,8%	2014
15 a 24 anos	54,6%	62,1%	46,9%	
25 anos ou mais	62,9%	74,5%	52,4%	2015
15 a 24 anos	55,6%	63,4%	47,7%	
25 anos ou mais	62,9%	74%	52,8%	2016
15 a 24 anos	54,5%	60,7%	48%	

Fonte: (IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016)

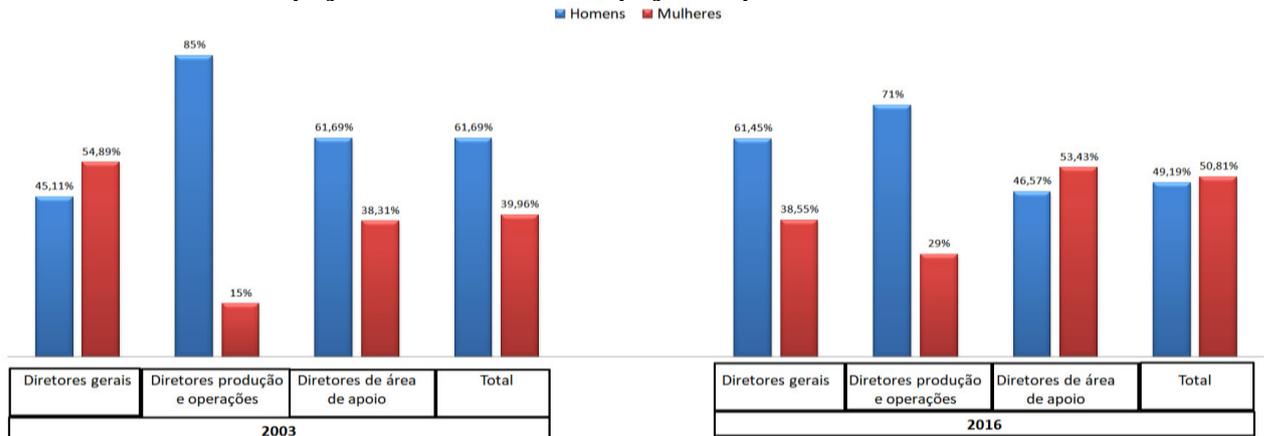
Agora entre as pessoas de 25 anos ou mais, como já era o esperado por se tratar de adultos os resultados foram bem melhores, de 51,7% com o menor número e 74,7% com o maior. No total os dados, apresentam-se bastante iguais, mas existe uma grande diferença entre os dos homens comparados com os das mulheres, em torno de 20% (o que é considerado bastante se tratando do Brasil todo), embora os deles tenham diminuído.

Trabalhamos também com os gráficos para uma melhor visualização, há uma dinâmica bastante nítida de como fato estão os níveis dos números. Além dos dados coletados pelo IBGE, dos quais nos direcionava apenas as grandes regiões brasileiras, também utilizamos alguns dados do Ministério do Trabalho em Emprego, tirados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que nos permitiu ter um olhar para a situação do Maranhão. Assim como veremos abaixo:

No Gráfico 1, temos uma relação do ano de 2003 com o ano de 2016 no Maranhão, de como as mulheres se posicionavam nos cargos de bastante poder e decisão diferenciando com os homens. Notamos que os cargos de diretores de produção e operações são os que menos têm mulheres ocupando (com 15% e 29%

respectivamente) nos dois anos citados, ainda que tiveram uma leve melhora, os homens ainda eram a maioria (com 85% e 71% respectivamente) naquelas funções.

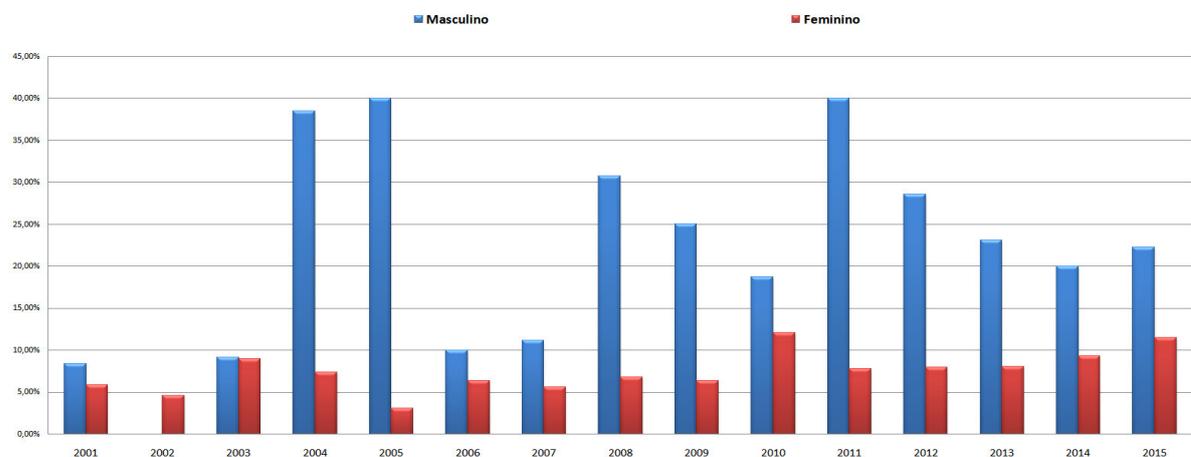
Gráfico 1 Ocupação de mulheres em espaços de poder e decisão - 2003/2016



Fonte: (Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS)

Agora os cargos de diretores gerais em 2003 havia mais mulheres (com 54,89%) do que homens (com 45,11%), mas em 2016 houve uma inversão e elas ficaram com 38,55% e eles com 61,45%. Porém os cargos de diretores de área de apoio tiveram uma reviravolta para as mulheres ao longo do tempo em 2003 com 38,31% e em 2016 com 53,43%, para eles 61,69% e 46,57% respectivamente. Isso nos mostra que apesar alguns resultados não serem muito bons, as mulheres conseguiram alguns cargos de muita responsabilidade.

Gráfico 2 Percentual de Pessoas ocupadas no Trabalho com carteira de Trabalho assinada, segundo o sexo - 2001-2015

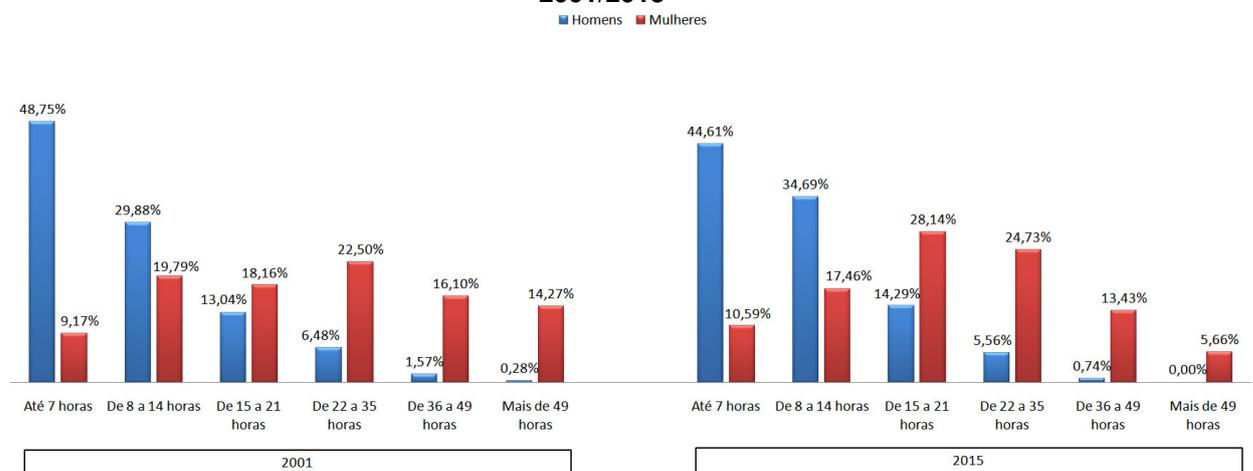


Fonte: (IBGE - Censo Demográfico e PNAD)

No Gráfico 2, fala dos trabalhos com a carteira assinada de homens e mulheres desde 2001 até 2015 no Maranhão. Logo de início nos deparamos com os resultados entre 5% a quase 10% para os dois, mas em 2002 os homens tiveram 0% enquanto as mulheres com 4,55%. Em 2003 as coisas melhoraram para ambos, os resultados foram bastante iguais em torno de 8%. Nos anos de 2004 e 2005, os aumentos foram gigantescos para eles, tanto que ficaram com a média de 39%, já para as elas baixaram um pouco e ficaram entre 7% e 3%. Depois em 2006 e 2007 houve uma queda brusca para os homens, no qual ficaram com 10% na média, já as mulheres quase se mantiveram com os números anteriores. No ano seguinte, os registros subiram bastante, mas nos dois posteriores houve um decréscimo, porém entre as mulheres em 2010 subiu bem mais que todos os outros anos. A mesma coisa aconteceu em 2011 para os homens, chegando a 40%, mas nos três seguidos caiu novamente e entre as mulheres ficou bem equivalente em torno 6% e finalizando em 2015 quando subiu um pouco para ambos.

Podemos averiguar, com base nessas estatísticas, que no Maranhão há pouco trabalho com carteira assinada, pois observamos que em vários anos houve muitas quedas nos resultados e estas não foram consideradas como normais, porque teve casos que foi de 30% de diferença entre um ano e outro. Embora que tivesse vários altos e baixos, os dados das mulheres quase ficaram de forma de constante, ou seja, nem subia demais e muito menos diminuía bruscamente, como foi no caso dos homens, mas de certo modo se mantiveram em aumento crescente, mesmo que em poucas quantidades.

Gráfico 3 Percentual de pessoas ocupadas no trabalho principal segundo as horas semanais - 2001/2015

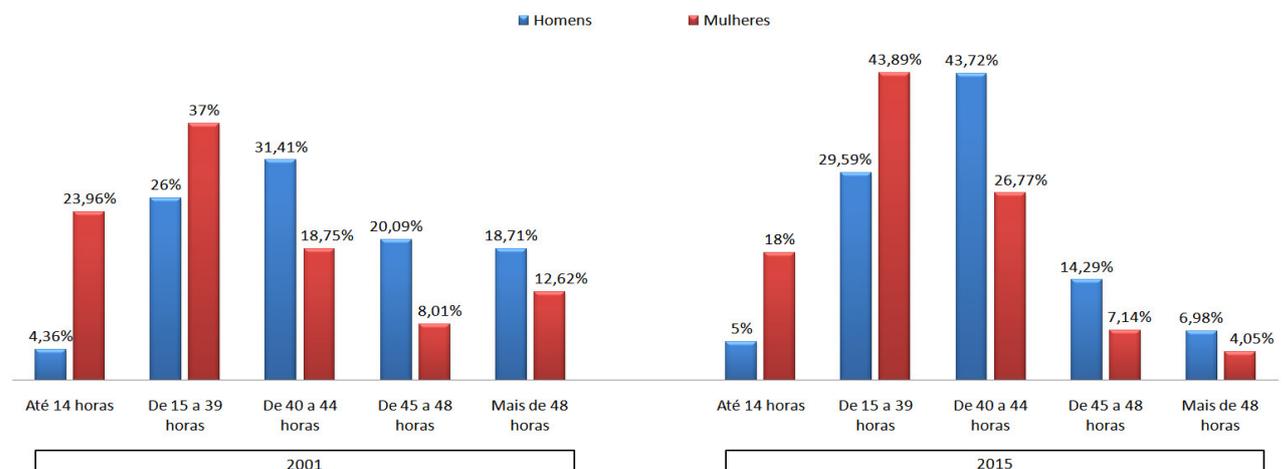


Fonte: (IBGE – PNAD)

No Gráfico 3, temos a quantidade de horas semanais que as pessoas do Maranhão ficam trabalhando em 2001 e 2015. No primeiro ano, os resultados das mulheres foram esses: até 14 horas (de 2 dias da semana de trabalho) com 23,96%; de 15 a 39 horas (de 2 a 5 dias da semana de trabalho) com 37%; um resultado médio de 40 a 44 horas (de 5 a 6 dias da semana de trabalho), com 18,75%; mais de 48 horas (de 6 a 7 dias da semana de trabalho) foram 12,62%; e fechando, de 45 a 48 horas (de 5 a 6 dias da semana de trabalho) com 8,01% que foi a menor estatística.

Nota-se que bem menos mulheres nesse período trabalhavam se comparado os resultados da pesquisa feita em 2015, que foram 43,89% de 2 a 5 dias da semana e 26,77% de 5 a 6 dias. E as horas trabalhadas em poucos dias é muito mais vantajoso que em vários, pois assim elas podem descansar e cuidar de outras atividades. Por exemplo, as mulheres que têm filhos e querem cuidar dos mesmos sozinhas, etc.

Gráfico 4 Percentual de pessoas que realizaram afazeres domésticos segundo as horas semanais - 2001/2015



Fonte: (IBGE – PNAD)

Esse gráfico nos mostra justamente o contrário do anterior, ou seja, é uma pesquisa feita para sabermos a respeito das horas que as pessoas passam fazendo os trabalhos domésticos não remunerados, logicamente que as pessoas que trabalham fora de casa dispõem de menos tempo para tais hábitos, mas existem também algumas pessoas que não possuem vínculo empregatício e também aquelas que gostam muito de trabalhar dessa forma.

Neste cenário, temos em primeira vista que os números mais acentuados são dos homens que ficam até 7 horas semanais nos afazeres domésticos (48% e 44,61% nos dois anos respectivamente), embora tenha tido uma pequena diminuída, ainda assim foi um resultado esperado, porque dá para perceber que por terem muitas pessoas que trabalham fora, as mesmas não tem muito tempo para tais práticas. Os dados das mulheres indicam que estão bem mais parecidos tanto em 2001 quanto em 2015: de 22 a 35 horas (3 a 5 horas por dia) com 22,50% e 24,73%; de 15 a 21 horas (2 a 3 horas por dia) com 18,16% e 28,14%; de 8 a 14 horas (1 a 2 horas por dia) com 19,79% e 17,46%. Percebemos a partir dos resultados acima, que são as mulheres as que ficam em casa no trabalho doméstico, enquanto a maioria dos homens ficam apenas 1 hora por dia basicamente. Embora muitas delas realizem trabalhos formais renumerados, ainda nos deparamos com o machismo existente na sociedade (com base na história da humanidade, já descrita no capítulo anterior) que preceitua que é o papel delas cuidarem dos filhos e da casa.

- **Rendimento**

Dialogando com a pesquisa deste trabalho, temos também alguns dados que serão bem úteis para complementá-la, são eles: o percentual da média de rendimento dos Nordestinos (na última tabela a seguir), diferenciando entre os homens e as mulheres; a taxa do salário feminino com relação ao masculino de acordo com o nível de escolarização no Maranhão.

Tabela 9 - Média de rendimento habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas de 14 anos ou mais de idade, por sexo, no Nordeste

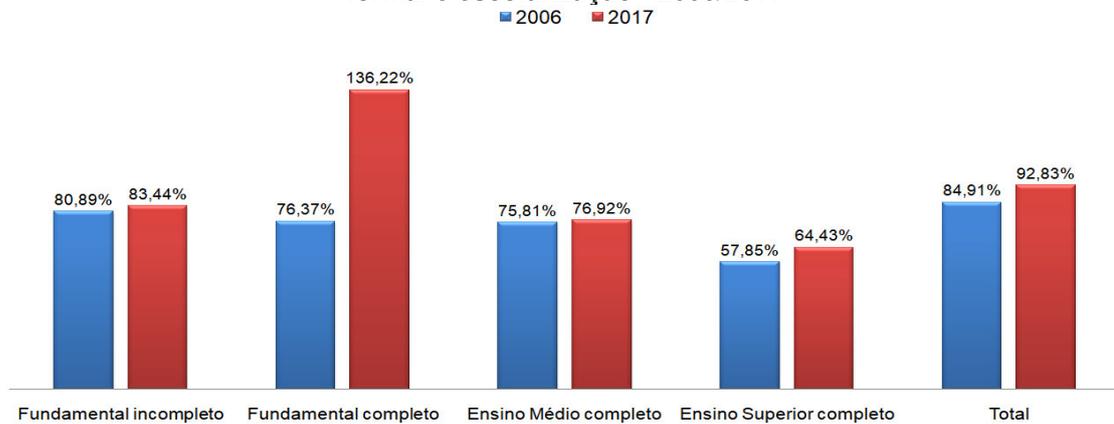
	2012	2013	2014	2015	2016
Homens	R\$ 1429,00	R\$ 1501,00	R\$ 1551,00	R\$ 1511,00	R\$ 1477,00
Mulheres	R\$ 1209,00	R\$ 1249,00	R\$ 1239,00	R\$ 1279,00	R\$ 1286,00

Fonte: (IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016)

Como falado no parágrafo acima, a Tabela 9 nos especifica a média do rendimento das mulheres e homens do Nordeste de todos os tipos de trabalho dos anos de 2012 a 2016. Observamos logo que o maior valor é dos homens com a média de R\$ 1.493,80 reais que não é o ideal, mas mesmo assim é considerável. As mulheres ficaram com o resultado de R\$ 1.252,40reais ao longo dos anos, com a diferença de R\$ 241,40 reais a menos para elas, o que é bastante, tornando-se

assim injusto essa questão. Embora o salário tenha aumentado um pouco com o tempo (às vezes dos homens até diminuído), ainda assim, as mulheres estão com a desvantagem no quesito independência financeira com relação a eles.

Gráfico 5 Percentual do rendimento feminino em relação ao masculino segundo ocupação formal e escolarização - 2006/2017



Fonte: (Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS)

Agora o Gráfico 5, demonstra em porcentagens os ganhos das mulheres em comparação com os dos homens por nível de escolaridade nos anos de 2006 e 2017. O gráfico acima funciona assim: 100% representa o salário total dos homens. Coletaram as amostras para saber o salário masculino e feminino, então verificaram para descobrirem qual dos dois era o maior ou menor, ou seja, quando elas estão com mais de 100% é porque ultrapassou o deles e se der menos disso é o contrário. Começamos com os resultados especificados no total, que por sua vez, não descreve nenhuma escolaridade, o valor do salário feminino está um pouco abaixo nos dois anos, com 84,91% (15,09% de diferença em relação aos homens) em 2006 e 92,83% (7,17% de diferença) em 2017. Surpreendente que os valores mais acentuados das mulheres estão no nível de ensino fundamental completo em 2017, que chegou aos 134,55%, no qual ficou com o resultado superior aos dos homens em 34,55%. Os dados mais preocupantes ficaram para o nível de Ensino Superior completo, que elas só atingiram um pouco a mais da metade do salário dos homens, com a média de 38,83% a menos, nos dois anos.

3 CAPITULO III – RESULTADOS DA PESQUISA

Neste 3º capítulo, encontramos as respostas das entrevistas orais, objetivando compreender como as mulheres de Bacabal conseguiram ascender no mercado de trabalho, mesmo tendo uma sociedade machista, contaremos aqui a experiência e as dificuldades de algumas mulheres que fizeram o possível para terem uma educação e emprego melhor, pois muitas vezes as suas origens familiares eram deficitárias no quesito escolarização e situação econômica e em meio a todos esses obstáculos existentes, torna-se mais agravante a situação delas em se tratando de concluir os estudos.

3.1 A Jornada das Mulheres em Bacabal - MA: Pesquisa com base em entrevistas orais

Em meio ao mundo onde existem todos os tipos de preconceito, tanto racial quanto religioso e até mesmo por questão de gênero (machismo), a maioria das mulheres do Nordeste e do Maranhão conseguiram de alguma forma superar as dificuldades no ramo empregatício e também no educacional, como podemos ver nos resultados de tabelas e gráficos do tópico anterior. Corroborando com tais resultados, temos a afirmação de Carreira (2016) em seu artigo que faz parte do livro, “Gênero e Educação”, que nos diz:

[...] a equidade de gênero (entre homens e mulheres) na educação já foram “resolvidos”. Essa visão foi reforçada por diversos relatórios produzidos pelo Estado brasileiro nas últimas décadas que indicaram a maior escolaridade e o melhor desempenho escolar das mulheres como resposta definitiva às metas internacionais concernentes às inequidades de gênero na educação. Nesses documentos, é importante observar que gênero é abordado como sinônimo de “mulher”, e o direito à educação, limitado às dimensões de acesso à escolarização e a de desempenho na trajetória escolar. (CARREIRA, 2016, p. 27).

Segundo a autora, a educação é considerada como um meio para que todos os outros problemas delas sejam resolvidos (as desigualdades sociais decorrentes nesse âmbito), mas que ainda precisa de muitas outras estratégias para mudar as situações. Nos últimos anos, as mulheres começaram a se preocupar mais consigo mesmas e foram atrás do que a tornassem realizadas tanto profissionalmente quanto academicamente (CARREIRA 2016).

Escolhemos algumas mulheres, da cidade de Bacabal – MA, para realizar a nossa entrevista, das quais observamos algumas características que de alguma forma se encaixaram no perfil de público alvo, que foram as que enfrentam todos os tipos preconceitos no cotidiano, tanto na educação das mesmas quanto na questão de gênero, mas que mesmo assim lutaram e ainda lutam por uma vida melhor nessa cidade.

Analisamos as respostas das entrevistas orais (perguntas abertas) feitas com essas mulheres para que saibamos exatamente como foi todo o processo de conquistas de realizações pessoais de cada uma delas, tanto no que diz respeito à vida profissional, quanto acadêmica. As perguntas se dividiram em 5 tipos, que são eles: os Pessoais; os Familiares e Sociais; os Acadêmicos e Profissionais; os Históricos e perguntas atuais sobre Bacabal.

Quando perguntamos: “Na cidade de Bacabal existe alguma ONG, grupo ou projeto do governo de apoio às mulheres que você participa? Se sim, fale um pouco como funciona.” Todas elas responderam que não sabiam se existia tal organização de apoio às mulheres.

Veremos a seguir a apresentação das entrevistadas por meio de uma tabela (com respostas das perguntas pessoais), mas todos os nomes estão trocados para preservar a identidade das mesmas.

Tabela 10 - Perguntas Pessoais

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	NÍVEL DE INSTRUÇÃO	FILHOS
JOANA	48	Solteira	Professora	Ensino Superior	-
LÍVIA	58	Casada	Professora	Pós-graduada	3
MARIANA	38	Casada	Funcionária Pública	Pós-graduada	3
ÂNGELA	58	Viúva	Agente de Saúde	Ensino Médio Incompleto	3
EDNA	46	Divorciada	Professora	Pós-graduada	-
DALVINA	43	Casada	Professora	Ensino Superior	2

Fonte: Elaborada pela autora, dados da pesquisa (2019)

Nota-se que a maioria delas tem filhos e são casadas. O nível de instrução delas é considerado bem elevado por serem de Ensino Superior. Essas perguntas foram a base para as outras, pois todas tinham que respondê-las para que a partir dessas informações conseguíssemos avançar para fazer as outras perguntas (que veremos nos quadros expostos posteriormente), das quais foram abertas, ou seja, elas tiveram a total liberdade de argumentar mais.

3.1.1 A resistência das Mulheres ao preconceito de gênero

Como todas as situações difíceis das nossas vidas, o preconceito é desumano, seja o racial como o religioso, entre essas práticas discriminatórias, as Mulheres sofrem com o machismo. Ele praticamente se encontra nos âmagos da nossa sociedade, com suas bases mais sólidas escondido nas fendas escuras da nossa História. Desde o princípio da humanidade, nós o encontramos de alguma forma e tudo isso se reflete muito nos casos que nos deparamos hoje. De acordo com Bandeira e Batista:

O preconceito, assim, constitui-se em um mecanismo eficiente e atuante, cuja lógica pode atuar em todas as esferas da vida. Os múltiplos preconceitos de gênero, de cor, de classe, etc. têm lugar tipicamente, mas não exclusivamente, nos espaços individuais e coletivos, nas esferas públicas e privadas. Fazem-se presentes em imagens, linguagens, nas marcas corporais e psicológicas de homens e de mulheres, nos gestos, nos espaços, singularizando-os e atribuindo-lhes qualificativos identitários, hierarquias e poderes diferenciais, diversamente valorizados, com lógicas de inclusões-exclusões consequentes, porque geralmente associados a situações de apreciação-depreciação/desgraça. (BANDEIRA e BATISTA, 2002, pp. 126-127).

Temos agora a resposta de nossas 3 primeiras entrevistadas; a Joana, a Edna e a Dalvina, onde argumentaram com a pergunta abaixo:

Quadro I - Perguntas familiares e sociais 1

Você sofre ou sofreu de machismo no seu cotidiano? Explique.

“Não só sofri como sofro, e vou permanecer sofrendo por ser mulher, a sociedade só é machista porque ela aprendeu a ser assim, ninguém nasce com esse pensamento. Na sociedade em que vivemos, os homens pensam que são os nossos donos, e as mulheres tem que fazer tudo o que eles querem, da forma que querem e até mesmo pela questão econômica, eles manipulam algumas. Tem a questão que determinam o que podemos e o que não podemos fazer. Há também o fator religioso, que segundo a bíblia e os teólogos sempre indagam que as mulheres obrigatoriamente devem se submeter aos homens, o que agrava mais ainda a nossa situação.”
(JOANA, 2019)

“Infelizmente ainda é muito comum mesmo hoje em dia, na contemporaneidade, em que muitas manifestações preconceituosas são caracterizadas como crime diante das leis, mas nós ainda convivemos com o machismo algumas vezes, no ambiente de trabalho, na família, por meio de piadas, das brincadeiras, das rodas de conversa, é possível nos presenciarmos esse tipo de comportamento.”
(EDNA, 2019)

“Sempre há algum comportamento machista no nosso cotidiano, no nosso trabalho, na nossa família, mas nós como profissionais da educação temos que saber lidar com esse tipo de preconceito, logo porque não deixa de ser um preconceito.”
(DALVINA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Como podemos ver a resposta no Quadro I acima, não é só o preconceito de gênero que atormenta as Mulheres, mas também outros preconceitos existentes na nossa sociedade. Em algumas situações o machismo até mesmo fundamenta suas bases teóricas, no caso do exemplo da religião, onde a mulher sempre tem que ser submissa ao homem, em que a Joana cita em sua resposta. Elas explanaram aqui de uma forma mais geral esse preconceito, pois colocaram alguns casos mais comuns existentes na nossa sociedade.

No primeiro caso é falado das mazelas que algumas mulheres enfrentam quando tem um relacionamento abusivo. Muitas vezes há uma pressão psicológica ou até mesmo física, ela obedece para não haver brigas, pois essas mulheres muitas vezes não percebem o que está acontecendo com elas e assim permanecem sofrendo nessa relação. A segunda resposta foi para uma área de experiências fora da intimidade, onde a Edna colocou que sempre percebe esse tipo de preconceito nas entrelinhas tanto na família quanto no trabalho, não é de forma objetiva. Em concordância com as mesmas, os autores Bandeira e Batista falam que:

Pela sua sutileza, caráter difuso e capilaridade de intromissão nas relações sociais, a eficácia e a ubiquidade do preconceito são máximas, tanto em relação às práticas de controle, como às de dominação e subordinação em todas as categorias sociais. Manifestam-se como produtor e reprodutor de situações de controle, menosprezo, humilhação, desqualificação, intimidação, discriminação, fracasso e exclusão nas relações entre os gêneros, na esfera do trabalho, nas posições de poder, nos espaços morais e éticos e nos lugares de enunciação da linguagem. E vem, muitas vezes, minadas pela chantagem afetiva ou disfarçadas por aparências afetuosas que atingem, mais drasticamente, a auto-estima e a condição sócio-moral daqueles(as) que são alvos do preconceito. (BANDEIRA e BATISTA, 2002, p. 127).

Onde mostram que o preconceito está muito presente nas nossas vidas, mesmo que nós não percebamos, quando somos confrontados a responder sobre isso que paramos para analisar e argumentos os seus efeitos morais. Assim como elas, as outras entrevistadas também relataram sobre o perguntado, mas essas contaram os casos rotineiros, todas as respostas foram obtidas com a mesma pergunta:

Quadro II - Perguntas familiares e sociais 2

Você sofre ou sofreu de machismo no seu cotidiano? Explique.

“Sim, meu esposo é muito machista. Às vezes acontecem situações constrangedoras, quando ele acha que só ele tem razão, as mais corriqueiras são no trânsito quando estou dirigindo e ele é o carona ou quando ele tá dirigindo e eu reclamo de alguma falha, ele perde o controle e grita

mesmo.”

(LÍVIA, 2019)

“Na minha família meu marido e filho mais velho me apoiam muito, felizmente. Só sofri no trânsito, que uma vez um rapaz entrou na contra mão e bateu no nosso carro e mesmo ele estando errado ficou com críticas dizendo que só aconteceu porque era uma mulher que estava dirigindo, ficou com deboche. Até que os PM's o levaram para a delegacia.”

(MARIANA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

O Quadro II é uma continuação do I, como as perguntas foram abertas, elas poderiam responder como desejassem. Joana, Edna e Dalvina argumentaram o preconceito de forma geral, já Lívia e Mariana trouxeram um relato dos seus próprios cotidianos. A primeira contou um fato de o marido ser machista, onde ele perde a postura quando as circunstâncias não estão favoráveis para ele, e a segunda entra com um fato que aconteceu no trânsito, onde há muitos casos em que as mulheres sofrem bastante esse tipo de preconceito. Todas essas mulheres, de algum modo foram afligidas pelo mesmo mal existente em nossa sociedade, onde as pessoas que o fazem podem nem estar percebendo tais hábitos, porque já estão muito enraizados em suas rotinas e que precisaria de um esforço para alguma mudança.

De todas as entrevistadas para a realização dessa pesquisa, houve uma que relatou um pouco de sua história perante todas as dificuldades encontradas na sua infância e adolescência. A Joana se declarou negra e argumentou que passou por algumas dificuldades, das quais as outras não passaram ou não quiseram falar, pois ela foi a única que respondeu a essa pergunta:

Quadro III - Perguntas familiares e sociais 3

Fale um pouco de sua relação familiar no cotidiano, há algum comportamento preconceituoso de algum lado?

“Tanto a minha família quanto eu sofremos muito o preconceito racial. Se a pessoa de alguma forma for diferente das outras a tendência é a exclusão, e o preconceito vem de todos os lados, pode ser da própria família e principalmente das pessoas de fora. As famílias negras, ao meu ver, tem uma cultura em que elas ficam educadas para se acomodar diante do preconceito que elas sofrem se prejudicando, pois acham que é normal serem discriminadas, elas, com isso, se diminuem ao terem o pensamento que elas nunca vão melhorar de vida, que tem que permanecer no mesmo padrão em que nasceram.”

(JOANA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Nos deparamos aqui com um caso de preconceito racial, a Joana argumentou como ela acha que as famílias estão se desenvolvendo em torno de tanta discriminação, pois ela viveu na pele cada detalhe de tal ato. A mesma considera que todos têm o direito de acreditar no seu sonho e de correr atrás para realizá-lo. As pessoas não podem olhar para as nossas vidas e escolher o que

vamos fazer, mas sim apenas nós podemos fazer isso, segundo ela. Tal resposta introduz para outra questão da qual foi perguntado para a mesma, pois observamos (ver Tabela 10) o fato dela não ter filhos e assim foi perguntado o seguinte:

Quadro IV - Perguntas familiares e sociais 4

Pelo fato de você não ter filho, já foi discriminada por isso?

“Fui e sou muito discriminada por isso, por que na verdade as pessoas não têm a consciência que ter filhos e casar é uma escolha pessoal e íntima de cada indivíduo. As pessoas simplesmente acham que a mulher nasce apenas para reproduzir, e sempre tem aqueles que falam: “Onde já viu mulher que não tem um filho!”, “Você precisa deixar um descendente!” ou “Mulher que não tem filho não é completa!”. Nós não nascemos para casar e ter filhos, tudo isso é opcional. Tudo que foge dos costumes da sociedade é massacrado, é excluído é discriminado.”

(JOANA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Nota-se que ela passou por várias situações bastante constrangedoras por conta dessa escolha, as falas das pessoas sobre essa decisão dela são muito hostis e machuca quem ouve, mas ela tem razão ao dizer que isso se trata de uma escolha, pois o corpo e o tempo dela estão em jogo, se ela decidiu assim foi por razões da própria.

Todos esses preconceitos discorridos aqui provocaram uma ferida nessas mulheres, metaforicamente falando. Elas vivem isso todos os dias e encaram essa realidade sórdida da humanidade. O preconceito racial também é bem ruim (com base na análise dos dados), pois é um fruto terrível da nossa História, onde assim como o machismo foi embasado em algumas teorias muito aceitas na época (ver capítulo II). Todavia esse contexto não é o foco dessa pesquisa, então passaremos para o que de fato queremos saber, nos próximos tópicos.

3.1.2 De que modo a escolarização ajudou elas na inserção ao mercado de trabalho?

A educação é uma forma excelente de se ter um bom discernimento dos fatos da nossa vida, através dela que qualquer indivíduo aprende uma profissão mais adequada a cada pessoa e também temos a oportunidade para desenvolver os laços sociais para com as outras pessoas. Para Dourado e Oliveira: “[...] a educação é entendida como elemento constitutivo e constituinte das relações sociais mais amplas, contribuindo, contraditoriamente, desse modo, para a transformação e a

manutenção dessas relações.” (DOURADO e OLIVEIRA, 2009, p. 203). Quando obtemos um diploma ou certificado nós temos nas mãos uma forma de oportunidade a ser explorada no mercado de trabalho. É claro que não temos a garantia exata disso acontecer, mas pelo menos dispomos de mais chances de sucesso na esfera profissional.

Pensando nisso que as nossas entrevistadas fizeram muitas ações para que assim conseguissem construir suas carreiras por meio de uma base sólida, a partir da educação. Então lançamos as perguntas - de cunho acadêmico e profissional - para sabermos como foi o processo das mesmas em relação a isso. A Joana nos explicou que veio de um povoado de origem Quilombola que se encontra um pouco afastado da cidade de Bacabal. Na sua época era muito complicado de concluir os estudos básicos onde morava e por isso teve que se mudar para a cidade.

Quadro V - Perguntas acadêmicas e profissionais 1

Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.

“Por uns 15 anos da minha vida fui técnica em enfermagem, trabalhava em um hospital, mas era só no contrato, nesse período, fiz vários cursos, e um dos cursos que eu fiz foi o Magistério. Sempre gostei e gosto de estar por dentro das coisas que acontecem ao redor, em 2001 teve um concurso para professor, e fiz, passei, lecionei a disciplina de ciências pelo fato de ter mais proximidade com minha área de atuação na enfermagem e também por eu ter curso tecnólogo em gestão e saúde pela UEMA, e ao decorrer do tempo fui sentindo a necessidade de fazer o curso de licenciatura, e surgiu a oportunidade para alguns professores de fazermos um curso de licenciatura pelo PARFOR (Programa de Formação de Professores), e hoje sou licenciada em Química pelo IFMA, e estou fazendo uma Pós-graduação de Ciências aplicada ao Meio Ambiente também pelo IFMA. Tudo isso que eu fiz foi com muita luta, com muita força de vontade, com muita dificuldade, nunca foi fácil para mim, algumas pessoas até me questionam: “Nossa, você é professora?”, em tom de surpresa, “Como você entrou no IFMA?”, como se eu não pudesse de maneira nenhuma fazer qualquer curso neste Instituto, mas eu percebia que elas falavam isso pelo fato de eu ser negra.”

(JOANA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Com o descrito, ela sofreu preconceito até mesmo pelo fato de fazer um curso em uma instituição renomada e também por ser professora, isso tudo foi muito inóspito para ela, percebemos em sua fala uma grande consternação enquanto argumentava tais fatos, principalmente quando ela mencionou algumas falas ouvidas pela mesma, mas tudo isso foi feito com grande responsabilidade e dificuldade. Ela conseguiu compor os seus traços profissionais à medida que o tempo passava e assim ganhando cada vez mais experiência, mesmo com todos os males que teve que suportar. Passamos agora para a resposta da Mariana:

Quadro VI - Perguntas acadêmicas e profissionais 2

Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.

“Consegui o emprego mediante concurso público, antes trabalhava no comércio varejista por um bom tempo, em busca de instabilidade profissional comecei a focar em concurso, fora a segurança no trabalho eu também precisava de mais tempo para meus filhos. Depois de um bom tempo fora da sala de aula, retornei aos estudos, trabalhava durante o dia e a noite estudava, consegui terminar o ensino médio e logo em seguida iniciei o curso superior em serviço social e consequentemente a pós-graduação em duas áreas diferentes, saúde mental e saúde da família. Durante todo processo de estudo tive bastante obstáculos pelo caminho, trabalhar fora, ser mãe e esposa não foi muito simples, fiz outro curso profissionalizante pelo IFMA, visando aumento 30% de salário pelo município, porque é lei federal para os funcionários que fizerem esse curso ter esse aumento o qual eu tive, minha carga horária de trabalho são de 6 horas diárias (30 horas semanais), remuneração ainda não é a desejada mas da pra suprir as necessidades básicas, por isso viso outros concursos com melhor remuneração.”

(MARIANA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

No Quadro VI conseguimos perceber que a educação serviu de uma forma bastante positiva para a mesma, ela se esforçou dentro dos seus limites para superar todas as dificuldades, pois além de ser casada ela ainda tem filhos. Ao passar no concurso público conseguiu uma boa estabilidade financeira e ao fazer outros cursos o seu salário aumentou de forma significativa. Mas segundo a mesma, ainda pretende fazer outros cursos ou até mesmo concurso para aumentá-lo.

Quadro VII - Perguntas acadêmicas e profissionais 3

Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.

“Primeiro eu cursei o Magistério, que na época era um curso profissionalizante para a Educação, nível Médio. Os professores na época foram muito incentivadores quanto aos estudos para podermos fazer os concursos para assim que nos formássemos e fossemos logo trabalhar, era um momento histórico esse evento. No ano seguinte houve um concurso do Estado para professores, no qual passei e já comecei a trabalhar. Depois enquanto eu estava na graduação em Biologia houve outro concurso também do Estado, mas dessa vez para lecionar no Ensino Médio, mas como eu estava no 3º período, eu passei apenas para ser contratada, foram 4 anos trabalhando dessa forma, até que quando eu finalmente terminei o curso eu tomei posse do cargo para efetiva. Para me especializar eu fiz o curso de metodologia do Ensino Superior, mas nunca dei aula no Ensino Superior.”

(EDNA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

A Edna fala que na época que fez o Magistério, foi bem incentivada a estudar para que depois fizesse os concursos, que houve nos dois anos posteriores. A referida conseguiu a partir dos estudos, passar em dois concursos para ser professora e hoje ela tem mais de 26 anos de trabalho desenvolvido. Ela também comentou que não pretende mudar de profissão e que ama muito trabalhar. A mencionada entrevistada escolheu esses cursos por se identificar muito com a área.

Assim como foi a jornada da Joana, a Edna também enfrentou muitas dificuldades para estudar e concluir os seus cursos, pois na época não era tão fácil como agora, segundo elas.

Quadro VIII - Perguntas acadêmicas e profissionais 4

Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.

“Como eu moro no interior da cidade, eu enfrentei bastante dificuldades para fazer o Magistério e depois o curso de graduação em História, eu sempre trabalhei, o que tornou ainda mais complicada essa trajetória acadêmica, mas eu sempre desempenhei o meu papel com a minha comunidade ao ser uma ótima professora, já trabalho a 26 anos nessa profissão, da qual escolhi por vocação e amo, sempre tive um orgulho por ser professora.”

(DALVINA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Aqui temos a resposta da Dalvina, onde ela nos conta que mora em um povoado de Bacabal. Em razão da distância do referido para a cidade, ela teve muitas dificuldades no transporte, mesmo assim ela conseguiu fazer o curso de Magistério e depois o curso Superior e então conseguiu o emprego de professora, da qual se identifica bastante.

Quadro IX - Perguntas acadêmicas e profissionais 5

Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.

“Fiz todos esses cursos: Magistério, Pedagogia, Psicopedagogia, Supervisor Escolar. Tudo foi questão de aptidão, nunca sofri preconceito, pelo contrário sempre me sai muito bem na profissão que escolhi.”

(LÍVIA, 2019)

Através de concurso, pois como fiz parte da Pastoral da Criança tive a pontuação bem acentuada perante os demais, fiquei em 1º lugar.

(ÂNGELA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

No Quadro IX temos duas respostas, a primeira fala que fez 4 cursos para ser professora, mas que por ter que cuidar da filha e marido agora está em processo de aposentaria e não está mais trabalhando. A segunda fez um curso profissionalizante e obteve um pouco de experiência ao trabalhar com a comunidade e assim conseguiu passar no concurso para agente de saúde.

Através das perguntas acadêmicas e profissionais podemos perceber como de fato essas mulheres puderam conseguir alavancar as suas carreiras e juntamente com isso também o lado da independência financeira. Elas perceberam que apenas

com a educação poderiam exercer suas profissões e foram adiante com as realizações das mesmas.

3.1.3 Momentos Históricos sociais e escolares de acordo com as entrevistadas

O propósito das perguntas sobre o que aconteceu no passado tanto escolar quanto social no Brasil era para sabermos se nossas entrevistadas estavam observando o que acontecia em seu redor e é muito importante nós conhecermos melhor como foram as experiências e vivências das mesmas. Optamos por entrevistar algumas mulheres bem experientes, onde a mais jovem tem 38 anos e mais velha tem 58 anos, justamente para termos uma base melhor de elaboração das perguntas e de respostas mais completas sobre tal assunto. As perguntas não foram sempre as mesmas para todas, pois tínhamos que ser bem flexíveis quanto aos fatos históricos e bem coerente quanto aos anos de vivência delas, por exemplo, apenas para algumas foi perguntado sobre a Ditadura Militar¹⁴, ou seja, de acordo com o ano em que nasceram reduzindo ou aumentando as perguntas sobre tais eventos. Partimos agora para as análises das respostas.

Quadro X - Perguntas Históricas 1

Fale um pouco como eram os comportamentos das mulheres na época entre 1987 a 2000, havia muito preconceito? Como era a pressão social com relação à decisões femininas? Houve alguma mudança significativa nos atos sociais das mesmas? Como era a educação feminina nesse período?

“Houve muitas repressões sociais naquela época, principalmente para as adolescentes, nós éramos muito privadas pelos nossos pais, pelos irmãos mais velhos, pelas tias, etc. Hoje nós estamos em uma sociedade mais liberta do que tínhamos antes, mais também com muita libertinagem, com a falta de compromisso, falta de consciência dos jovens, pois no passado os pais tinham mais poder de decisão na vida dos filhos, e havia mais respeito dos filhos para com os pais, o que pelo que pude observar quase não existe mais hoje.”

(JOANA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

No Quadro X temos uma pergunta de corte temporal entre 1987 a 2000 para a Joana, que tem 48 anos, onde foi perguntado sobre pressão social e educação feminina na época. A nossa primeira entrevistada argumenta que na época dos seus 16 anos era tudo mais complicado para as mulheres, ela não deixa claro, mas

¹⁴O golpe civil-militar foi a resistência capitalista às possibilidades de reformas e avanços sociais. Por meio da violência, os setores reacionários atuaram com prisões de lideranças, torturas, assassinatos, expulsão de líderes esquerdistas do país e intervenção em sindicatos. (LARA e SILVA, 2015, pp. 277-278).

subjetivamente, nota-se que ela fala de liberdade sexual. Os pais a reprimiam muito, mas logo ela diz que hoje as coisas estão mais soltas. Nessa questão e diz que os filhos não respeitam mais os seus pais. O que entra numa questão, de que ela foi criada com o pensamento de que mulher tem que se manter virgem até o casamento, mesmo com ela discordando com isso na época, depois ela passa a concordar com os outros, ou seja, foi um conceito que foi introduzido a ela aos poucos até ela aceitar como verdadeiro.

Quadro XI - Perguntas Históricas 2

Fale um pouco como eram os comportamentos das mulheres na época entre 1980 a 2000, havia muito preconceito? Como era a pressão social com relação à decisões femininas? Houve alguma mudança significativa nos atos sociais das mesmas? Como era a educação feminina nesse período?

“Do meu tempo até agora não mudou muita coisa. Já no tempo da minha mãe sim, ela conta que não podia estudar. A própria mãe dela não deixava, dizia que tinha de aprender ofícios de dona de casa: bordar, costurar, cozinhar, etc.”

(LÍVIA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Posto isto, no Quadro XI, foi acrescentado um período mais anterior ainda, pois a nossa entrevistada nos contou sobre o que acontecia na época em que a mãe dela era jovem, que a mesma não podia estudar, ou seja, a discriminação era tão grande que as mulheres nem a menos podiam exercer seus direitos.

Quadro XII - Perguntas Históricas 3

Fale tudo o que você se lembra sobre a Ditadura Militar. Como foi? Fale um pouco como eram os comportamentos das mulheres no passado, havia muito preconceito? Houve alguma mudança significativa nos atos sociais das mesmas? Como era a educação feminina nesse período?

“Eu não me lembro de muitas coisas porque eu sempre morei no interior e não tinha manifestações por aqui só em São Luis, eu não fui, só meu esposo. Havia muita discriminação social com as mulheres naquela época, elas não podiam fazer muitas coisas sem ser casada, e hoje em dia elas conseguem ocupar muitos cargos de poder e decisão, que na época era quase inexistente.”

(ÂNGELA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Nesse caso, a Ângela nos relatou o que já havíamos concluído no primeiro quadro, que as mulheres eram muito reprimidas socialmente, elas tinham que manter um comportamento totalmente aceitável perante as outras pessoas. Ela também nos contou que não participou ativamente durante as manifestações contra

a Ditadura Militar, pois como mora no interior de Bacabal era muito mais complicado o deslocamento.

Quadro XIII - Perguntas Históricas 4

Como era a pressão social com relação à decisões femininas? Houve alguma mudança significativa nos atos sociais das mesmas?

“Sim, houve muitas mudanças, pois na época, nós mulheres éramos muito cobradas pela sociedade apenas por nossos deveres e nunca tínhamos nossos direitos, tudo era considerado uma obrigação. Hoje em dia nós não só temos nossos direitos, mas também temos uma vida social, incluindo a área acadêmica e a profissional, estamos competindo com os homens de igual para igual.”

(DALVINA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Ainda com as perguntas com relação à pressão social sobre as mulheres temos a resposta da Dalvina, onde nos afirma com que certeza houve muitas mudanças desde que era jovem até hoje. Pela experiência dela, as mulheres eram muito pressionadas e não tinham os mesmos direitos dos homens na época, mas que agora possuem os mesmos benefícios que eles, tanto acadêmica quanto profissionalmente.

Quadro XIV - Perguntas Históricas 5

Na época que você fez os estudos básicos, como era a comunidade escolar? Teve muitas pessoas que desistiram? Conte um pouco de sua experiência e dificuldades para concluir os estudos.

“Nessa época tudo era muito difícil, pois não tínhamos o acesso à internet como hoje, o conteúdo só era visto em sala de aula, onde escrevíamos tudo no caderno para estudar em casa. Na época, no nosso povoado éramos 12 alunos no Magistério, mas apenas 4 conseguiram se formar, por todos esses fatores: uma grande dificuldade no transporte para chegar à escola, assim como eu, algumas eram mães e esposas, e tudo isso contribuiu para o desestímulo, mas eu não desisti.”

(DALVINA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

De acordo com as perguntas sobre as comunidades escolares nos respectivos anos das nossas entrevistadas, temos a resposta de Dalvina no Quadro XIV, onde ela nos fala que foi muito difícil para ela, pois ela mora no interior de Bacabal e tinha a questão do transporte e também por não ter internet para a pesquisa e por isso houve muitas desistências.

Quadro XV - Perguntas Históricas 6

Na época que você fez os estudos básicos, como era a comunidade escolar? Teve muitas pessoas que desistiram? Conte um pouco de sua experiência e dificuldades para concluir os estudos.

“Era muito parecida com a de hoje, mas tínhamos muito mais dificuldades perante ao acesso aos livros didáticos, alguns anos recebíamos e outros não e eles não eram tão facilitados (questão de linguagem) como os de hoje. As turmas também eram superlotadas. O número de desistência era quase zero nas turmas de Magistério, acredito que o fato do Ensino Médio não ser mais profissionalizante há mais desistência do que na minha época de estudo. Antes tínhamos a certeza de emprego assim que concluíamos, mas agora os alunos precisam fazer vestibular, passar 4 ou 5 anos na Faculdade de graduação para conseguir um trabalho bom. Desde muito cedo eu tinha que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, era uma rotina muito pesada, era desfavorável, então por isso, meu rendimento não era muito bom, mas mesmo assim nunca tive uma reprovação.”

(EDNA, 2019)

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Na última pergunta sobre a educação temos a resposta da Edna, que argumenta que a comunidade escolar na época de ensino básico dela era quase igual a de hoje, mas os livros didáticos eram mais restritos e não eram fáceis de entender. Quando ela fez o Magistério houve muito incentivo por parte dos professores para que eles estudassem para os concursos posteriores, que era considerado um foco a mais para concluir os estudos. Ela alega também que o Ensino Médio tinha um melhor desempenho antes pelo fato de os alunos terem logo a oportunidade de emprego assim que o terminasse.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, pode-se concluir através das análises feitas sobre a História das Mulheres no seio familiar, como também as descrições das vivências de algumas no âmbito contemporâneo na cidade de Bacabal.

As mulheres eram completamente desconsideradas na Família Antiga, mas mesmo assim elas eram muito importantes “inconscientemente” (para as pessoas da época) a construção da mesma, pois na concepção de filhos era considerada uma das coisas mais sagradas, depois que o *pater familias* morresse sempre tivesse um descendente. Porém se a mulher fosse estéril o marido era obrigado a pedir o divórcio para se casar de novo para ter os seus filhos, logo eram totalmente tratadas como um instrumento de manutenção das famílias. Como a religião cristã se encontrava dominante no período da Idade Média, o casamento passou a se tornar apenas entre duas pessoas (homem e mulher) e era indissolúvel. Mas a mulher era considerada, pelos religiosos, como a fonte de alguns pecados (principalmente por causa de Eva), e por isso o sexo só era permitido para a concepção, não para o prazer. Elas eram apontadas como inferiores aos homens por causa de sua natureza biológica, por exemplo, a menstruação, então não tinham voz em relação à conquista de seus direitos na época. As que se atreviam a argumentar foram mortas queimadas na fogueira acusadas de bruxaria. Em resumo, esse foi um período bastante aterrorizante para elas.

No Brasil-Colônia, a maioria das famílias tinha o modelo de denominação patriarcal, sendo que a função das mulheres era apenas de serem mães, esposas e trabalharem na organização do lar. Eram controladas por seus pais e/ou maridos, não tinham liberdades, como por exemplo, sair de casa sem autorização dos mesmos. Porém, na época, os homens precisavam formar famílias para serem mais respeitados pela sociedade, e para isso precisavam se cansar. As Famílias Modernas valorizaram a nuclearização (com pai, mãe e filhos) dos seus membros, ou seja, tornando-as mais íntimas. As mulheres agora passaram a ter uma função mais importante do que apenas conceber filhos, que foi na educação das crianças, das quais se tornaram o centro das atenções nesse período. Elas ainda não tinham os mesmos direitos que os homens, e ainda eram muito pressionadas socialmente com relação ao casamento, do qual precisam de homens para ter liberdade.

A partir da década de 70 até hoje vivemos na era contemporânea, onde as mulheres finalmente conseguiram conquistas de alguns direitos. Dentre eles o divórcio, o que deu início a novos modelos de famílias, não só por causa disso, mas também porque a intolerância social diminuiu. Entre esses modelos está a família monoparental (com apenas um adulto responsável por ela), a homossexual (com duas pessoas do mesmo sexo), a recomposta (quando uma pessoa divorciada com filhos se casa novamente), etc. Concluindo o capítulo 1 notamos que as Mulheres foram e são as maiores responsáveis pela construção da Família ao longo da nossa História e nesse processo sofreram bastante opressão por parte da sociedade.

No capítulo 2 temos um breve levantamento Histórico falando sobre as Mulheres, que fala como elas se tornaram pessoas mais valorizadas perante sociedade em geral com a conquista de alguns direitos. Ele começa com a pergunta: “Chefes de família – Mulheres no poder?”, uma questão bem instigante, pois a partir das mudanças no comportamento familiar causou também novas formas de base estrutural das mesmas. Um exemplo disso é a família monoparental, ou seja, com a regularização do divórcio tanto as mulheres quanto os homens poderiam ser responsáveis pelos filhos, podendo então elas serem as chefes de família. Esse fenômeno só foi possível por causa da luta organizada pelas mulheres e seus apoiadores, o que culminou em conquistas dos direitos para as mesmas, sendo que a ideologia e os movimentos sociais feministas colaboraram (com as manifestações e liberação de ideais novos para as próprias) bastante para alguns, um deles foi a possibilidade de estudar, e depois a inserção no mercado de trabalho. Com este último, elas conseguiram muito mais do que ter uma voz, mas também obtiveram a independência financeira, não precisavam mais de seus maridos para terem uma vida digna. Com a escolarização cada vez melhor, alcançaram cargos maiores, até mesmo de chefia, mesmo sendo ainda poucas, mas pelo menos já é um bom avanço com base em tudo que observamos até agora.

Assim como vimos ao longo de toda a nossa pesquisa, os fatos Históricos não mentem, dos quais demonstram que as Mulheres vivenciaram muito preconceito durante todos os episódios analisados. As desigualdades eram muitas, ou seja, antigamente elas não podiam estudar, tinham que obedecer completamente os pais quando formavam as suas Famílias (não tinham o poder de escolha), eram obrigadas a se casarem para que tivessem alguma liberdade sexual e depois terem filhos. Houve muitas dificuldades com relação à conquista de direitos básicos, um

deles foi o de poder estudar nas escolas regulares, pois antes somente as pessoas de sexo masculino podiam freqüentar as escolas, enquanto as de sexo feminino estudavam em casa para aprenderem apenas alguns assuntos que eram considerados adequados para elas, por exemplo, cozinhar e costurar.

Há ainda uma pesquisa bibliográfica através dos dados do IBGE e outros foram necessários, tudo isso para termos uma base melhor de como está funcionando o mundo contemporâneo, então colocamos os números que consideramos serem os principais para a explicação. As taxas de conclusão do nível superior entre pessoas de 27 a 30 anos no Nordeste, dos anos de 2012 a 2016 nos mostram que as mulheres estão em maior número, entre 11% a 14,8%, onde esse dado nos revela que elas estão cada vez mais se empenhando na qualificação profissional e obterem uma boa carreira depois. Temos também o Gráfico 1 (p. 44) onde nos indica que elas estão ocupando mais cargos de chefia no Maranhão, em 2003 foram 54,89% de diretoras gerais, e em 2016, 53,43% diretoras de produção de apoio, porém na primeira diminui um pouco. A média de rendimento de salário no Nordeste entre 2012 a 2016 ficou em R\$ 1.252,40 reais para as mulheres, ainda um pouco menos do que a dos homens que foi R\$ 1.493,80 reais. Mas pelo menos com o passar dos anos o salário vem aumentando pouco a pouco, segundo a Tabela 9 (p. 48). Esses dados nos apontam uma melhora significativa com relação ao contexto contemporâneo, comparando com os outros momentos Históricos. As mulheres, com certeza se valorizaram muito mais perante a sociedade e ainda podem mudar ainda mais.

Nos resultados das entrevistas temos uma pesquisa qualitativa, que foi a descrição das vivências de algumas mulheres bacabalenses, respondendo assim à perguntas (que foram: Como a escolarização ajudou essas mulheres? Como foi a inserção no mercado de trabalho? Há comportamento machista em seu cotidiano? Etc.) feitas na introdução deste trabalho. A apresentação do grupo de mulheres que entrevistamos se encontra Tabela 10 (p. 51) da qual podemos ver as repostas das perguntas de cunho pessoal, onde a maioria delas são casadas e tem filhos.

A educação foi um dos fatores muito importantes para que as Mulheres pudessem enfim adentrar ao mercado de trabalho, pois elas tiveram que se profissionalizar em suas respectivas áreas de atuação por meio dela. Através da pergunta: “Como você fez para conseguir o seu emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo. etc.”. A maioria delas falou que fizeram

algum curso superior ou até mesmo pós-graduação para exercer a profissão que estão atuando. Porém ao argumentar sobre tal assunto expuseram sobre as dificuldades sofridas ao concluírem os seus estudos, por exemplo, a longa distância, o preconceito racial, a jornada dupla que muitas delas enfrentaram, etc. Podemos notar que as experiências educacionais de nossas entrevistas foram bastante prolongadas por causa das profissões que elas escolheram, e também houve algumas dificuldades por conta disso, mas pelo menos elas conseguiram fazer o que queriam.

Atualmente algumas mulheres são muito mais independentes e valorizadas socialmente, pois elas mesmas se dão uma autoafirmação (não precisando da presença masculina) na vida delas, algumas trabalham fora de casa e ao mesmo tempo cuidam de seus filhos, mas não por obrigação, e sim porque desejam. Há também aquelas que estão focadas apenas em suas carreiras profissionais e outras que decidiram serem esposas. Enfim, existem essas e várias outras denominações para descrever o que podem fazer no mundo atualmente, mas para isso precisamos saber melhor como tudo isso aconteceu por meio da História, por isso, a pesquisa tem um elo bastante forte com a História das Famílias, pois as Mulheres sempre foram um dos sujeitos principais para a formação das mesmas desde os tempos antigos e mais ainda na era contemporânea, isto é, há muitos resquícios de suas jornadas contadas nessas Histórias.

Chegamos até aqui sabendo de tudo o que as mulheres enfrentaram no passado e ainda enfrentam em seu cotidiano, elas conseguiram o que queriam com muito esforço, dedicação, estudo, entre outras coisas. A maioria delas tem uma família para cuidar, mas mesmo assim escolheram passar por cima de toda intolerância para seguirem os seus sonhos, formarem uma carreira acadêmica e profissional.

Averiguamos que todas as formas de preconceito que as mulheres enfrentaram ou enfrentam podem deixá-las com a autoestima bastante abalada, pois muitas vezes as pessoas são intransigentes com as palavras. Como podemos observar nas respostas das entrevistas no capítulo anterior, houve um caso que mesmo a pessoa passando por todos esses males, concluiu os seus estudos para depois ter uma profissão da qual se dedica ao máximo para ter uma independência financeira. A partir desse exemplo percebemos que as mulheres não podem mais serem consideradas como o “sexo frágil”, pois elas conseguem de alguma forma

deixar tudo o que as assombra de lado para prosseguir com suas vidas e também suas carreiras. Elas não dependem mais inteiramente dos homens como antigamente, logo conseguiram sair de suas zonas de conforto e lutaram pelos direitos que queriam obter.

Esta pesquisa discorre sobre a fragilidade que se encontra o nosso sistema de poder na sociedade, não só passado, mas até hoje. Então é muito importante para que todos nós saibamos como de fato aconteceram e acontecem as coisas em torno das mulheres, das quais não analisamos à fundo na nossa rotina. O machismo se encaixa perfeitamente nas pequenas situações, no qual fica até imperceptível para alguns e tido como algo normal para outros. Por meio das questões respondidas de nossa pesquisa, podemos perceber os traços de alguns exemplos do mesmo no cotidiano de nossas entrevistadas, onde cada uma relatou um pouco da experiência sobre esse preconceito. Então fica claro que isso tudo é bem real, ele existe, e é preciso ser feita alguma coisa para conscientizar a todos que não deve ser praticado por ninguém. Apenas falando e escrevendo sobre tais situações que conseguiremos acabar com esse infortúnio.

A partir dessa pesquisa conseguimos traçar alguns pontos da História das mulheres, de como elas superaram as desigualdades para enfrentar todos os problemas que aparecem em seus cotidianos. As pessoas entrevistadas demonstraram o lado que nenhuma outra pessoa quis saber até agora, que são as dificuldades que encaram todos os dias, muitas vezes isso fica escondido, mas ao mesmo tempo sempre está lá, basta parar para perceber. O preconceito age dessa forma: puni, aponta defeitos, magoa, maltrata, etc. Quem está olhando de fora raramente notará tais atos, por isso uma empatia foi necessária para conseguirmos analisar cada fala descrita aqui para que assim conseguirmos alcançar nossos objetivos. Todavia há certos limites para tudo, inclusive para um estudo como esse, ele não responde a todas as questões existentes desse universo e por pode ser explorado posteriormente com novas nuances investigativas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Angela Mendes de. SAMARA, Eni de Mesquita. *Et al.* **Pensando a Família no Brasil: da colônia à modernidade.** Ed. UFRRJ. Rio de Janeiro, 1987.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível.** Editora: UNESP, São Paulo. 1998.
- ALMEIDA, Suzana Stefanini Campos de. SILVA, Eliton Almeida da. **MULHER E TRABALHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: a conquista do espaço e as implicações para o processo saúde-doença.** História e Cultura, Franca, v. 6, n. 3, São Paulo. 2017.
- ALVES, Ana Carla Farias. ALVES, Ana Karina da Silva. **AS TRAJETÓRIAS E LUTAS DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL E O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES.** Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, Itaperi: Fortaleza-CE, 2013.
- ALVES, Julio Henrique de Macêdo. **A evolução nas definições de família, suas novas configurações e o preconceito.** Monografia: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Natal, 2014.
- ARIÉS, Phiiippe. História Social da Criança e da Família - **Da Família Medieval à Família Moderna.** Tradução: Dora Flaksman - 2. red. - Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BANDEIRA, Lourdes. BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência.** Revista Estudos Femininos, 2002.
- BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BONINI, Juliana de Oliveira Reis. **NOVOS ARRANJOS FAMILIARES: DA FAMÍLIA DA IDADE MEDIEVAL À FAMÍLIA DA ATUALIDADE: Conversando sobre família recomposta ou família de recasamento.** Niterói, 2009.
- BORSA, Juliane Callegaro. FAEIL, Cristiane Friedrich. **O papel da mulher em**

contexto familiar: uma breve reflexão. O portal dos psicólogos: RS, 2008.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. SOUZA, Candice Vidal e. **Modelos nacionais e regionais da família no pensamento social brasileiro.** Revista Estudos Feministas, vol.9, nº 2 Florianópolis 2001.

BRANCO, Patrícia. PEDROSO, João. **Mudam-se os tempos, muda-se a família. As mutações do acesso ao direito e à justiça de família e das crianças em Portugal.** Revista Crítica de Ciências Sociais, Setembro, 2008.

CALVANO, Lize. SMEHA, Luciane Najar. **O QUE COMPLETA UMA MULHER? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional.** Psicol. Argum.: Curitiba, v. 27, n. 58, p. 207-217, 2009.

CARREIRA, Denise... [et al.]. **Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais.** São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016.

CARVALHO, J. **Joana Carvalho:** entrevista. [maio 2019]. Entrevistadora: Jaciara S. Monteiro. Bacabal, 2019. Entrevista cedida para elaboração de TCC do entrevistador.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO: CDC [promulgado por João Paulo II, papa]. 4ª ed. Lisboa: Editorial Apostolado da Oração – Braga; 1983.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. **“Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo”? Uma (auto) análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencas ao campo.** Revista de @ntropologia: UFSCar, 8 (1), jan./jun. 2016.

COULANGES, Numa-Denys Fustel de. **A Cidade Antiga** – livro segundo: A Família. Tradução: Frederico Ozanam Pessoa de Barros – 2006. Editora das Américas S.A. - EDAMERIS, São Paulo, 1961.

DOURADO, Luiz Fernandes. OLIVEIRA, João Ferreira de. **A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS.** Cad. Cedes, Campinas vol. 29, n. 78, p. 201-215. 2009.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para a análise do machismo**. Perspectivas: São Paulo. 1980.

FÉLIX, Letícia Coelho. **Família e os filhos naturais no Brasil colônia**. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: Brasília, 2013.

GEVEHR, Daniel Luciano. SOUZA, Vera Lucia de. **AS MULHERES E A IGREJA NA IDADE MÉDIA: misoginia, demonização e caça às bruxas**. Revista Acadêmica Licenciatura: Ivoti, v. 2, n. 1, 2014, p. 113-121.

HINTZ, Helena Centeno. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. Pensando Famílias, 3, 2001.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016**. Brasil. 2016.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA. **PNAD 2009 - Primeiras análises: Investigando a chefia feminina de família**. Brasília: Ipea, 2010.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. **A família colonial e a construção do Brasil: vida doméstica e identidade nacional em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Nestor Duarte**. XXIII Encontro Nacional da AMPOCS, GT Família e Sociedade, Sessão “A Família e a Construção da Identidade Brasileira”, 1999.

JUNIOR, Cláudio Santiago Dias. VERONA, Ana Paula. **Maternidade e trabalho: algumas reflexões sobre mulheres em ocupações de nível superior**. Revista Brasileira de Sociologia: Minas Gerais, Vol. 04, No. 07, 2016.

KROTH, Vanessa Wendt. **AS FAMÍLIAS E OS SEUS DIREITOS NO BRASIL: Conceituação sócio-histórica, previsão legal e decisões judiciais do Supremo Tribunal Federal e Superior Tribunal de Justiça entre a Constituição Federal de 1988 e o Código Civil de 2002**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política- UFSC Florianópolis, 2008.

LARA, Ricardo. SILVA, Mauri Antônio da. **A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 122, p. 275-293, 2015.

LEANDRO, Maria Engrácia. **Transformações da família na história do Ocidente**. THEOLOGICA, 2.^a Série, 41, 2006.

LIMA, D. de O. **Dalvina de O. Lima**: entrevista. [maio 2019]. Entrevistadora: Jaciara S. Monteiro. Bacabal, 2019. Entrevista cedida para elaboração de TCC do entrevistador.

LOURO, Guacira Lopes. DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil - mulheres na sala de aula**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

MACEDO, Márcia dos Santos. **MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA E A PERSPECTIVA DE GÊNERO: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza**. CADERNO CRH, Salvador, v. 21, n. 53. 2008.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. Faculdade de Direito da USP: São Paulo, 2010.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de. LOPES, Maria de Fátima. **Corpo e gênero: uma análise revista TRIP para Mulher**. Estudos Feministas: Florianópolis, 2008.

MATOS, Maureen Lessa. GITAHY, Raquel Rosan Christino. **A EVOLUÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER**. Colloquium Humanarum, v. 4, n.1, Jun., p. 74-90, 2007.

MELO, A. de C. **Ângela de C. Melo**: entrevista. [maio 2019]. Entrevistadora: Jaciara S. Monteiro. Bacabal, 2019. Entrevista cedida para elaboração de TCC do entrevistador.

MELO, L. C. **Lívia C. Melo**: entrevista. [maio 2019]. Entrevistadora: Jaciara S. Monteiro. Bacabal, 2019. Entrevista cedida para elaboração de TCC do entrevistador.

MONCORVO, Maria Cecília Ribeiro. **Criando os filhos sozinha: a perspectiva feminina da família monoparental**. Orientadora: Andrea Seixas Magalhães. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de

Janeiro: Rio de Janeiro, 2008.

MONTEIRO, Ivanilde Alves. GATI Hajnalka Halasz. **A mulher na história da educação brasileira: entraves e avanços de uma época**. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2012.

NUNES, M. de N. **Mariana de N. Nunes**: entrevista. [maio 2019]. Entrevistadora: Jaciara S. Monteiro. Bacabal, 2019. Entrevista cedida para elaboração de TCC do entrevistador.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Catalão: UFG, 2011.

RAIS. **Relação Anual de Informações Sociais 2017**. Maranhão. 2017.

RODRIGUES, Valéria Leoni. **A importância da mulher**. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

SCOTT, R. Parry. **Mulheres Chefes de Família: abordagens e temas para as políticas públicas**. CNPD, FNUAP e ABEP: Ouro Preto-MG, 2002.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **RADICAL FEMINISMO**. Ed. Travessias. Vol. 2. 2008.

SOUSA, E. C. G. **Edna C. G. Sousa**: entrevista. [maio 2019]. Entrevistadora: Jaciara S. Monteiro. Bacabal, 2019. Entrevista cedida para elaboração de TCC do entrevistador.

ANEXOS

ANEXO A – RESPOSTAS DA JOANA

PERGUNTAS PESSOAIS

1. **Nome:** Joana Carvalho
2. **Idade:** 48 anos
3. **Estado Civil:** Solteira **Tem filhos?** SIM () NÃO (X)
4. **Profissão/Ocupação:** Professora
5. **Nível de Instrução:** Ensino Superior completo

PERGUNTAS FAMILIARES E SOCIAIS

6. **Você mora só ou com a família?** Eu tenho a minha casa, moro só.
7. **Fale um pouco de sua relação familiar no cotidiano, há algum comportamento preconceituoso de algum lado?**

Tanto a minha família quanto eu sofremos muito o preconceito racial. Se a pessoa de alguma forma for diferente das outras a tendência é a exclusão, e o preconceito vem de todos os lados, pode ser da própria família e principalmente das pessoas de fora. As famílias negras, ao meu ver, tem uma cultura em que elas ficam educadas para se acomodar diante do preconceito que elas sofrem se prejudicando, pois acham que é normal serem discriminadas, elas, com isso, se diminuem ao terem o pensamento que elas nunca vão melhorar de vida, que tem que permanecer no mesmo padrão em nasceram.

8. **Você sofre ou sofreu de machismo no seu cotidiano? Explique.**

Não só sofri como sofro, e vou permanecer sofrendo por ser mulher, a sociedade só é machista porque ela aprendeu a ser assim, ninguém nasce com esse pensamento. Na sociedade em que vivemos, os homens pensam que são os nossos donos, e as mulheres tem que fazer tudo o que eles querem, da forma que querem e até mesmo pela questão econômica, eles manipulam algumas. Tem a questão que determinam o que podemos e o que não podemos fazer. Há também o fator religioso, que segundo a bíblia e os teólogos sempre indagam que as mulheres obrigatoriamente devem se submeter aos homens, o que agrava mais ainda a nossa situação.

9. **Pelo fato de você não ter filho, já foi discriminada por isso?**

Fui e sou muito discriminada por isso, por que na verdade as pessoas não têm a consciência que ter filhos e casar é uma escolha pessoal e íntima de cada indivíduo. As pessoas simplesmente acham que a mulher nasce apenas para reproduzir, e sempre tem aqueles que falam: “Onde já viu mulher que não tem um filho!”, “Você precisa deixar um descendente!” ou “Mulher que não tem filho não é completa!”. Nós não nascemos para casar e ter filhos, tudo isso é opcional. Tudo que foge dos costumes da sociedade é massacrado, é excluído é discriminado.

PERGUNTAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

10. **Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.**

Por uns 15 anos da minha vida fui técnica em enfermagem, trabalhava em um hospital, mas era só no contrato, nesse período, fiz vários cursos, e um dos cursos que eu fiz foi o Magistério. Sempre gostei e gosto de estar por dentro das coisas que acontecem ao redor, em 2001 teve um concurso para professor, e fiz, passei, lecionei a disciplina de ciências pelo fato de ter mais proximidade com minha área de atuação na enfermagem e também por eu ter curso tecnólogo em gestão e saúde pela UEMA, e ao decorrer do tempo fui sentindo a necessidade de fazer o curso de licenciatura, e surgiu a oportunidade para alguns professores de fazermos um curso de licenciatura pelo PARFOR (Programa de Formação de Professores), e hoje sou licenciada em Química pelo IFMA, e estou fazendo uma Pós-graduação de Ciências aplicada ao Meio Ambiente também pelo IFMA. Tudo isso que eu fiz foi com muita luta, com muita força de vontade, com muita dificuldade, nunca foi fácil para mim, algumas pessoas até me questionam: “Nossa, você é professora?”, em tom de surpresa, “Como você entrou no IFMA?”, como se eu não pudesse de maneira nenhuma fazer qualquer curso neste Instituto, mas eu percebia que elas falavam isso pelo fato de eu ser negra.

11. Quantas horas você trabalha? 20 horas por semana.

12. É bem remunerada?

Nós professores ganhamos relativamente bem em comparação com alguns trabalhos que só ganham o salário mínimo, mas podíamos ganhar muito mais pelo fato estarmos praticamente fazendo dois trabalhos, há um desvio de função na escola hoje em dia, os pais que deveriam educar princípios básicos para seus filhos em casa, mas como não cumprem, nós professores ficamos também com este trabalho que torna bem mais cansativo, por isso que existem casos que alunos não nos respeitam, fazem baderna, batem, etc.

13. Você acha que existe uma diferença no salário de mulheres com relação ao dos homens? Explique.
Não na minha profissão, que eu saiba.

14. Você está satisfeita com seu trabalho ou gostaria de mudá-lo? Por quê?

Eu estou muito satisfeita com o meu trabalho, não me vejo hoje em dia com outra profissão, posso até aprender outra coisa, pois nós seres humanos sempre buscamos aprender mais e mais, mas não pretendo trocar de função.

15. Você pretende fazer outro curso de graduação ou ir além da Pós?

Sim pretendo ir além da Pós, e gostaria muito de algum dia fazer o curso de Ciências Biológicas para desempenhar melhor o meu papel como professora de Ciências.

PERGUNTAS HISTÓRICAS

16. Fale um pouco como eram os comportamentos das mulheres na época entre 1986 e 2000, havia muito preconceito? Como era a pressão social com relação à decisões femininas? Houve alguma mudança significativa nos atos sociais das mesmas? Como era a educação feminina nesse período?

Houve muitas repressões sociais naquela época, principalmente para as adolescentes, nós éramos muito privadas pelos nossos pais, pelos irmãos mais velhos, pelas tias, etc. Hoje nós estamos em uma sociedade mais liberta do que tínhamos antes, mais também com muita libertinagem, com a falta de compromisso, falta de consciência dos jovens, pois no passado os pais tinham mais poder de decisão na vida dos filhos, e havia mais respeito dos filhos para com os pais, o que pelo que pude observar quase não existe mais hoje.

PERGUNTAS ATUAIS

17. Na cidade de Bacabal existe alguma ONG, grupo ou projeto do governo de apoio às mulheres que você participa? Se sim, fale um pouco como funciona. Desconheço se existe.

ANEXO B – RESPOSTAS DA LÍVIA

PERGUNTAS PESSOAIS

1. **Nome:** Livia Carvalho Melo
2. **Idade:** 58 anos
3. **Estado Civil:** Casada **Tem filhos?** SIM (X) NÃO ()
4. **Profissão/Ocupação:** Professora, mas não trabalho atualmente
5. **Nível de Instrução:** Pós-graduada

PERGUNTAS FAMILIARES E SOCIAIS

6. **Você sofre ou sofreu de machismo no seu cotidiano? Explique.**

Sim, meu esposo é muito machista. Às vezes acontecem situações constrangedoras, quando ele acha que só ele tem razão, as mais corriqueiras são no trânsito quando estou dirigindo e ele é o carona ou quando ele tá dirigindo e eu reclamo de alguma falha, ele perde o controle e grita mesmo.

7. **Com relação a seus filhos homens, eles tem o mesmo comportamento do pai?**

Um é mais maleável, mas o outro muito parecido.

PERGUNTAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

8. **Como você fez para conseguir o emprego de professora, fale um pouco da trajetória, se ao longo do caminho sofreu algum preconceito, etc.**

Fiz todos esses cursos: Magistério, Pedagogia, Psicopedagogia, Supervisor Escolar. Tudo foi questão de aptidão, nunca sofri preconceito, pelo contrário sempre me sai muito bem na profissão que escolhi.

PERGUNTAS HISTÓRICAS

9. **Fale um pouco como eram os comportamentos das mulheres na época entre 1980 a 2000, havia muito preconceito? Como era a pressão social com relação à decisões femininas? Houve alguma mudança significativa nos atos sociais das mesmas? Como era a educação feminina nesse período?**

Do meu tempo até agora não mudou muita coisa. Já no tempo da minha mãe sim, ela conta que não podia estudar. A própria mãe dela não deixava, dizia que tinha de aprender ofícios de dona de casa: bordar, costurar, cozinhar, etc.

PERGUNTAS ATUAIS

10. **Na cidade de Bacabal existe alguma ONG, grupo ou projeto do governo de apoio às mulheres que você participa?** Não sei.

ANEXO C – RESPOSTAS DA LÍVIA

PERGUNTAS PESSOAIS

1. **Nome:** Mariana de Nazaré Nunes
2. **Idade:** 38 anos
3. **Estado Civil:** Casada **Tem filhos?** SIM (X) NÃO ()
4. **Profissão/Ocupação:** Funcionária Pública - área Administrativa
5. **Nível de Instrução:** Pós-graduada

PERGUNTAS FAMILIARES E SOCIAIS

6. **Você sofre ou sofreu de machismo no seu cotidiano? Cite um caso.**

Na minha família meu marido e filho mais velho me apoiam muito, felizmente. Só sofri no trânsito, que uma vez um rapaz entrou na contra mão e bateu no nosso carro e mesmo ele estando errado ficou com críticas dizendo que só aconteceu porque era uma mulher que estava dirigindo, ficou com deboche. Até que os PM's o levaram para a delegacia.

PERGUNTAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

7. **Como você fez para conseguir o emprego, fale um pouco da trajetória, se ao longo do caminho sofreu algum preconceito, etc. É bem remunerada? Quantas horas você trabalha? Você está satisfeita com seu trabalho ou gostaria de mudá-lo? Por quê?**

Consegui o emprego mediante concurso público, antes trabalhava no comércio varejista por um bom tempo, em busca de instabilidade profissional comecei a focar em concurso, fora a segurança no trabalho eu também precisava de mais tempo para meus filhos. Depois de um bom tempo fora da sala de aula, retornei aos estudos, trabalhava durante o dia e a noite estudava, consegui terminar o ensino médio e logo em seguida iniciei o curso superior em serviço social e conseqüentemente a pós-graduação em duas áreas diferentes, saúde mental e saúde da família. Durante todo processo de estudo tive bastante obstáculos pelo caminho, trabalhar fora, ser mãe e esposa não foi muito simples, fiz outro curso profissionalizante pelo IFMA, visando aumento 30% de salário pelo município, porque é lei federal para os funcionários que fizerem esse curso ter esse aumento o qual eu tive, minha carga horária de trabalho são de 6 horas diárias (30 horas semanais), remuneração ainda não é a desejada mas da pra suprir as necessidades básicas, por isso viso outros concursos com melhor remuneração.

PERGUNTAS ATUAIS

8. **Na cidade de Bacabal existe alguma ONG, grupo ou projeto do governo de apoio às mulheres que você participa?** Não conheço.

ANEXO D – RESPOSTAS DA ÂNGELA

PERGUNTAS PESSOAIS

1. **Nome:** Ângela de Carvalho Melo
2. **Idade:** 58 anos
3. **Estado Civil:** Viúva **Tem filhos?** SIM (X) NÃO ()
4. **Profissão/Ocupação:** Agente de saúde
5. **Nível de Instrução:** Ensino Médio incompleto

PERGUNTAS FAMILIARES E SOCIAIS

6. **Fale um pouco de sua relação familiar no cotidiano, há algum comportamento preconceito de algum lado?** Não
7. **Você sofre ou sofreu de machismo no seu cotidiano?** Não

PERGUNTAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

8. **Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.**

Através de concurso, fiz parte da Pastoral da Criança e por isso tive a pontuação bem acentuada perante os demais, fiquei em 1º lugar.

9. **Quantas horas você trabalha?** 8 horas por dia.
10. **É bem renumerada?** Sim.
11. **Você acha que existe uma diferença no salário de mulheres com relação ao dos homens? Explique.** Não.

12. **Você está satisfeita com seu trabalho ou gostaria de mudá-lo? Por quê?**

Sim, bastante. Eu não pretendo mudar.

PERGUNTAS HISTÓRICAS

13. **Fale tudo o que você se lembra sobre a Ditadura Militar. Como foi? Fale um pouco como eram os comportamentos das mulheres no passado, havia muito preconceito? Houve alguma mudança significativa nos atos sociais das mesmas? Como era a educação feminina nesse período?**

Eu não me lembro de muitas coisas porque eu sempre morei no interior e não tinha manifestações por aqui só em São Luis, eu não fui, só meu esposo. Havia muita discriminação social com as mulheres naquela época, elas não podiam fazer muitas coisas sem ser casada, e hoje em dia elas conseguem ocupar muitos cargos de poder e decisão, que na época era quase inexistente.

PERGUNTAS ATUAIS

14. **Na cidade de Bacabal existe alguma ONG, grupo ou projeto do governo de apoio às mulheres que você participa? Se sim, fale um pouco como funciona.** Sei que existe, mas não sei como funciona.

ANEXO F – RESPOSTAS DA EDNA

PERGUNTAS PESSOAIS

1. **Nome:** Edna Cruz Gomes de Sousa
2. **Idade:** 46 anos
3. **Estado Civil:** Divorciada **Tem filhos?** SIM () NÃO (X)
4. **Profissão/Ocupação:** Professora
5. **Nível de Instrução:** Pós-Graduada

PERGUNTAS FAMILIARES E SOCIAIS

6. **Há algum comportamento machista no seu cotidiano? Com relação à família ou amigos? Fale um pouco:**

Infelizmente ainda é muito comum mesmo hoje em dia, na contemporaneidade, em que muitas manifestações preconceituosas são caracterizadas como crime diante das leis, mas nós ainda convivemos com o machismo algumas vezes, no ambiente de trabalho, na família, por meio de piadas, das brincadeiras, das rodas de conversa, é possível nos presenciarmos esse tipo de comportamento.

7. **Você sofreu algum preconceito por ser divorciada?**

Não, por nenhum dos lados de amigos ou família.

PERGUNTAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

8. **Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.**

Primeiro eu cursei o Magistério, que na época era um curso profissionalizante para a Educação, nível Médio. Os professores na época foram muito incentivadores quanto aos estudos para podermos fazer os concursos para assim que nos formássemos fossemos logo trabalhar, era um momento histórico esse evento. No ano seguinte houve um concurso do Estado para professores, no qual passei e já comecei a trabalhar. Depois enquanto eu estava na graduação em Biologia houve outro concurso também do Estado, mas dessa vez para lecionar no Ensino Médio, mas como eu estava no 3º período, eu passei apenas para ser contratada, foram 4 anos trabalhando dessa forma, até que quando eu finalmente terminei o curso eu tomei posse do cargo para efetiva. Para me especializar eu fiz o curso de metodologia do Ensino Superior, mas nunca dei aula no Ensino Superior.

9. **Quantas horas você trabalha?** 40 horas semanais, pois são 2 nomeações.

10. **É bem remunerada?**

Acho que nosse remuneração razoável, poderia ser bem melhor, mas também não é das piores, os professores no Maranhão hoje em dia já é muito reconhecido no mercado de trabalho, temos até algumas prioridades, temos um certo reconhecimento como pessoas com uma renda estável, o que nos favorece bastante no quesito das aquisições de bens, não pelo poder econômico.

11. **Você acha que existe uma diferença no salário de mulheres com relação ao dos homens? Explique.**
Não nessa profissão.

12. **Você está satisfeita com seu trabalho ou gostaria de mudá-lo? Por quê?**

Muito satisfeita, pois sou professora por opção, por vocação, amo dar aula, amo o convívio com os alunos, tem algumas dificuldades por causa de alguns fatores que sempre acontecem nas nossas vidas: a indisciplina, o desestímulo, as famílias desestruturadas, etc., mas apesar de tudo eu me realizo profundamente na minha profissão.

PERGUNTAS HISTÓRICAS

13. **Na época que você fez os estudos básicos, como era a comunidade escolar? Teve muitas pessoas que desistiram? Conte um pouco de sua experiência e dificuldades para concluir os estudos.**

Era muito parecida com a de hoje, mas tínhamos muito mais dificuldades perante ao acesso aos livros didáticos, alguns anos recebíamos e outros não e eles não eram tão facilitados (questão de linguagem) como os de hoje. As turmas também superlotadas. O número de desistência era quase zero nas turmas de Magistério, acredito que o fato do Ensino Médio não ser mais profissionalizante há mais desistência do que na minha época de estudo. Antes tínhamos a certeza de emprego assim que concluíamos, mas agora os alunos precisam fazer vestibular, passar 4 ou 5 anos na Faculdade de graduação para conseguir um trabalho bom. Desde muito cedo eu tinha que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, era uma rotina muito pesada, era desfavorável, então por isso, meu rendimento não era muito bom, mas mesmo assim nunca tive uma reprovação.

PERGUNTAS ATUAIS

14. Na cidade de Bacabal existe alguma ONG, grupo ou projeto do governo de apoio às mulheres que você participa? Se sim, fale um pouco como funciona. Desconheço se existe.

ANEXO G – RESPOSTAS DA DALVINA**PERGUNTAS PESSOAIS**

1. Nome: Dalvina de Oliveira Lima
2. Idade: 43 anos
3. Estado Civil: Casada Tem filhos? SIM (X) NÃO ()
4. Profissão/Ocupação: Professora
5. Nível de Instrução: Ensino Superior

PERGUNTAS FAMILIARES E SOCIAIS

- 6. Há algum comportamento machista no seu cotidiano? Com relação à família ou amigos? Fale um pouco:**

Sempre há algum comportamento machista no nosso cotidiano, no nosso trabalho, na nossa família, mas nós como profissionais da educação temos que saber lidar com esse tipo de preconceito, logo porque não deixa de ser um preconceito.

PERGUNTAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

- 7. Como você fez para conseguir esse emprego? Comente um pouco a trajetória que teve que fazer para obtê-lo, todos os cursos, etc.**

Como eu moro no interior da cidade, eu enfrentei bastante dificuldades para fazer o Magistério e depois o curso de graduação em História, eu sempre trabalhei, o que tornou ainda mais complicada essa trajetória acadêmica, mas eu sempre desempenhei o meu papel com a minha comunidade ao ser uma ótima professora, já trabalho a 26 anos nessa profissão, da qual escolhi por vocação e amo, sempre tive um orgulho por ser professora.

- 8. Quantas horas você trabalha?** 40 horas semanais.

- 9. É bem remunerada?**

Não, como eu sou uma professora contratada, o salário, nesse caso, diminui bastante com relação aos concursados, gostaria muito de ganhar bem mais do que ganho agora.

- 10. Você acha que existe uma diferença no salário de mulheres com relação ao dos homens? Explique.**
Não nessa profissão.

PERGUNTAS HISTÓRICAS

- 11. Na época que você fez os estudos básicos, como era a comunidade escolar? Teve muitas pessoas que desistiram? Conte um pouco de sua experiência e dificuldades para concluir os estudos.**

Nessa época tudo era muito difícil, pois não tínhamos o acesso à internet como hoje, o conteúdo só era visto em sala de aula, onde escrevíamos tudo no caderno para estudar em casa. Na época, no nosso povoado éramos 12 alunos no Magistério, mas apenas 4 conseguiram se formar, por todos esses fatores: uma grande dificuldade no transporte para chegar à escola, assim como eu, algumas eram mães e esposas, e tudo isso contribuiu para o desestímulo, mas eu não desisti.

- 12. Como era a pressão social com relação às decisões femininas? Houve alguma mudança significativa nos atos sociais das mesmas?**

Sim, houve muitas mudanças, pois na época, nós mulheres éramos muito cobradas pela sociedade apenas por nossos deveres e nunca tínhamos nossos direitos, tudo era considerado uma obrigação. Hoje em dia nós não só temos nossos direitos, mas também temos uma vida social, incluindo a área acadêmica e a profissional, estamos competindo com os homens de igual para igual.

PERGUNTAS ATUAIS

- 13. Na cidade de Bacabal existe alguma ONG, grupo ou projeto do governo de apoio às mulheres que você participa? Se sim, fale um pouco como funciona. Não nessa gestão.**

